



REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Editor-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL  
 INTERIOR. . . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . . 25\$000  
 NUMERO AVULSO. . . . . 2\$000

Director  
EDUARDO SCHMIDT

ANNO II

OUTUBRO 1905

N. 10

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085 — Rio de Janeiro.

*Para que não continuem as reclamações que diariamente recebemos contra o serviço dos correios, abrimos uma nova categoria de assignaturas - sob registro - para garantir o assignante contra possiveis extravios. Essas assignaturas custarão - Para o interior 23\$000 Para o estrangeiro 28\$000.*

KÓSMOS encontra-se á venda nas principaes livrarias do paiz.

*São nossos agentes:* — Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

*São nossos representantes:* — Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia—Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

Endereço Telegraphico - KOSMOS — Rio de Janeiro



 Monsieur le Président de la compagnie  
des Eaux de Casambé,  
Vosre eau est aussi délicieuse que bienfaisante,  
on fait le premier verre par raison  
les autres par gourmandise.  
Recevois vous Clara Bernhardt

## CRONICA



**C**OM as mais bellas rosas da Primavera, em Outubro, appareceu um novo livro de Alberto de Oliveira.

Um novo livro de versos...

Quantos se publicam por ali, neste vastissimo Brasil tão cheio de sabiás e de poetas! Não ha semana em que o correio me não traga dois ou tres volumes, quasi todos muito mal impressos, quasi todos differentes apenas na polychromia das capas e na polyonymia dos titulos, e iguaes na futilidade ou na insignificancia do texto... Supponho que é o Brasil, de todo o planeta, o paiz em que mais volumes de versos se imprimem: não ha estudante que não almeje ver o seu nome fulgurando á frente de uma collecção de poesias; e só Deus sabe, ás vezes, que somma de sacrificios dolorosos representa a publicação desses folhetos que ninguém lê...

Mas um novo livro de versos de Alberto de Oliveira! que inesperada fortuna e que encantado regalo!

Para ler as *Novas Poesias* desse amado Poeta, escolhi um repousado e claro domingo, de vivo sol e de céu escampo: metti o volume debaixo do braço, e fugindo á poeira das demolições, ao alarido da cidade, aos apertões da gente endomingada,

abalei para o alto das Paineiras. E foi á sombra de uma arvore ancian, em cuja copa chilravam aves, ao pé do velho aqueducto em que a agua limpida cantava e sobre o qual bailavam as borboletas, que percorri, com uma delicia crescente, o livro suave.

Em torno de mim, a Vida das arvores, das aguas, da luz, das aves, dos insectos borborinhava e fulgia: e, como o livro me fallava justamente de tudo isso, — de cursos de agua cantante, de arvores cheias de ninhos, de gorgeios de passaros, de luz e de amores, — eu tinha a illusão de estar vendo, compendiada e fixada por milagre, nas tresentas paginas do volume que lia, toda a força e toda a meiguice da Natureza que me cercava.



Alberto de Oliveira não é sómente o maior dos nossos poetas vivos: é tambem, depois da publicação desta segunda serie das suas *Poesias*, o mais brasileiro de todos os poetas do Brasil.

E' verdade que o volume abre com um soneto de assumpto classico, *Taça de Corral*, — um soneto que me dá a impressão de estar alli envergonhado e timido, achando-se com razão "deslocado," entre companheiros de outra raça, de outra indole e de outra idade. E' uma composição em que se admira a antiga *maneira* do poeta, — o seu amor do exotismo, e o seu brilhante e raro talento de evocação... Mas, logo ao volver da primeira pagina, como estamos longe da Grecia, das deusas do Olympo, dos pastores da Arcadia, das paizagens, dos homens e das cousas da Hellade!

Ninguém, como Alberto de Oliveira, soube jamais comprehender e amar o esplendor desta abençoada terra: no seu novo livro, o amor do Brasil palpita em cada verso, estremece em cada syllaba, scintilla em cada rima.

Varias mulheres e varios amores povoam e animam estes versos: mas sente-se bem que todas ellas se confundem e resumem

## KÓSMOS

na grande Mulher, entre todas amada, que é a Terra, e que todos elles se reduzem e apuram no grande Amor, entre todos sincero, que é o da Terra.

Em Alberto de Oliveira, o lyrismo é inseparavel da geolatria. Todas as suas imagens, todas as suas comparações, todas as suas metaphoras, hyperboles e ampliações relacionam-se com esse culto, com esse "naturismo", que é, por assim dizer, a forma apurada e exagerada do seu pantheismo. Alberto é, antes de tudo, um apaixonado cantor da Terra Brasileira.

Vêde-o, aqui celebrando os amores de uma flor e de um insecto, alli exalçando a belleza da capa verde de um gigante da matta, além o mundo de affectos e de caricias que ha dentro de um ninho de musgo, adiante entoando um hymno ao luar...

Ide folheando o livro. Aqui o tendes tomando para confidente dos seus amores uma montanha:

«Assim eu fallo... Eis que um soluço amigo  
Subterreo ao meu responde, — cousa estranha!  
Pulsava em ancias, a chorar commigo,  
O coração de pedra da montanha!»

Vêde-o agora, lamentando a sorte de uma pobre *Arvore Sêcca*:



«Sobre o despenhadeiro debruçada,  
Retorcida, convulsa, immensa,  
Com as raizes já frouxas, e mirrada,  
Está uma arvore annosa, e pensa...»

Agora, notae como o poeta comprehende a mysteriosa linguagem das cousas:

«A matta virgem, desgrenhada aos ventos,  
Eleva á noite a alma complexa e varia;  
Do musgo humilde ás grimpas da araucaria,  
Ha talvez gritos, ha talvez lamentos...»

E que lindas, que harmoniosas paizagens sabe elle pintar! Admirae este pequenino quadro:



«Sobre a serra erguida,  
Em frente, esplendido, apparece e brilha  
O sol. Loureja o ipê com as aureas flores.  
Late nos grotões fundos, indo ao faro  
Da caça, ao buzinar dos caçadores,  
Da fazenda a matilha.  
E, no ar que sopra dos capões escuros,  
Sente-se, de mistura as essencias finas  
E ao cheiro das resinas,  
Um sabor acre de cajás maduros...»

E este outro:

«Um chão de folhas, sob um céu de flores,  
Eis a matta. Recebe-nos, á porta  
Do templo da verdura,  
Azul, trefega, leve borboleta,  
Que, volateando inquieta,  
Vae pelo atalho, o espaço corta,  
E nos guia na selva espessa e escura.  
Outras, alada chusma de mil cores  
Vêm-lhe ao encontro, farfalhando... Agora,  
Vê onde mais sorpreso  
O olhar se te demora:  
Olha estes ramos, a vergar com o peso  
Das bignonias em flor; olha o disforme  
Entrelaçado de cipós, que os fios  
Lembram suspensos de uma aranha enorme;  
Olha estes hartos troncos, luzidios  
Uns, rôfos outros, uns desempenados,  
Outros recurvos, tortos, semelhando,  
Em contorsões, vultos de condemnados...»



Mas a composição, na qual mais ardentemente se avulta o temperamento deste poeta, é o poema *O Parahyba*.

O grande rio encontrou o seu Poeta! Estes alexandrinos, de uma nobreza sem par, cheios de intensa e estonteante poesia da nossa terra hão-de ficar na lingua portugueza como um monumento imperecível: só um grande artista da palavra, senhor de todos os segredos da linguagem e da metri-

## KÓSMOS

ca, poderia compôr estes versos de uma sonoridade incomparavel, em que ha inauditas combinações, de vogaes, e estupendas paraphonias de rythmos. Estas estrophes são, na poesia, o que a partitura dos *Mestres Cantores* é na Musica: uma obra prima, uma maravilha de orquestração.

Lendo o poema, ouve-se o estrondo, vê-se o rebrilhar das aguas do rio gigante, sente-se o perfume das selvas que se abobadam sobre elle, escuta-se-lhe o reboar nos grotões e nas furnas, e tem-se toda a alma levada no seu curso triumphal, despenhada em cascatas, espraiada pelos sertões, estrangulada em socavões de montes, cahida afinal no mar, — onde elle entra,

“Saudando os céos azues n’um formidavel canto  
Na divina embriaguez da sua força eterna!”



O talento de Alberto de Oliveira está hoje em plena maturidade. Passou, para elle, a época brilhante, mas indecisa e ligeira, da primavera: chegou agora o outono, sazão bemdita, em que as arvores se arreiam de fructos que amadurecem, e em que as almas realisam, sob uma forma esplendida e definitiva, os seus melhores sonhos.

Aqui está um Poeta, que deve ser mostrado como exemplo. E não só pela segura e radiante róta da sua evolução artistica, — como ainda pela rara firmeza, com que soube conservar-se fiel á sua vocação e ao seu ideal.

Alberto sentiu-se Poeta, na idade em que lhe alvorecia a intelligencia, e Poeta ficou sendo, alheio ás seduccões do jornalismo e da litteratura facil que o chamavam, sem trahir uma só vez a sua nobre Musa. Quiz

ser apenas o que devia ser: um lyrico, um apaixonado, um enternecido cantor das cousas bellas da Vida. Toda a evolução do seu espirito se foi fazendo dentro desse ideal.

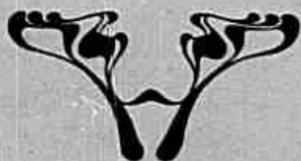
A Arte recompensa os que sabem amal-a e servil-a. Para a fidelidade deste Artista, achou ella este premio sublime: a gloria de ter completado a sua missão, chegando a ser, não um Poeta de inspiração



ALBERTO DE OLIVEIRA

méramente subjectiva e egoista, mas um Poeta da sua terra e da sua gente, — allian-do á pureza nobre da concepção a perfeição suprema da fórma, e affirmando-se, entre os do seu tempo, como o maior de todos, e de todos o mais *brasileiro*.

O. B.



# ALMOTACÉIS

NA chronica dos dias que se fôram ha um relicario de tradições a rememorar...

Dentre os servidores mais acatados que a administração da cidade do Rio de Janeiro se nos apresenta nos longinquos tempos da colonia, destacamos os almotacéis—funcionarios de inteira confiança e de cuja conducta dependiam importantes serviços.

Na escolha dos almotacéis havia o mais escrupuloso cuidado; disso auferia o povo grandes vantagens e notavel era o interesse que se ligava ao cargo da Almotaceria. Num periodo historico em que a iniquidade e as excepções constituíam o traço, reflexo do viver acanhadissimo dos dirigentes, a sorte do povo preocupava a atenção da Camara e do zêlo e mais do que tudo — da reconhecida probidade de pessoas providas em cargos publicos colhia o *Senado da Camara* beneficios, pondo em relêvo a ascendencia que mantinha nos destinos da capitania do Rio de Janeiro.

zes lenitivo á pobreza que se dignificava pelo trabalho.

Tornavam-se aptos aos cargos da governança ou de notoria responsabilidade, os homens que se distinguíssem por serviços, tendo-se muito em vista *isenção de culpa por desvios de dinheiros*.

O cargo de almotacél ou juiz almotacél — foi creado pelo livro I, titulo 68 da *Ordenação* do reino, para auxiliar as Camaras, no julgamento de posturas e *coimas*.

Nas cidades onde houvesse juiz de fóra só poderiam ser almotacéis pessoas nobres, segundo preceituava a lei de 5 de abril de 1618, citada no «Regimento das Camaras Municipaes.» (DR. JOÃO BAPTISTA CORTINES LAXE;—annotações do DR. MACEDO SOARES).

Annualmente eram empossados esses funcionarios, e os officiaes da Camara, depois de ultimado o mandato, serviam durante seis mezes na Almotaceria, conforme dispôz auto de correição do ouvidor, em 26 de maio de 1663. Tambem exerciam as funções daquelle cargo os juizes do anno findo, servindo no primeiro mez; dois vereadores mais antigos, no segundo mez, e um vereador e o procurador da Camara, no terceiro.

No seculo XIX, sendo inumeras as necessidades do Rio de Janeiro, com a residencia effectiva da



A austera educação moral da época não comportava transigencias.

Castigava-se ou premiava-se.

O bem e a honra mereciam estímulo e a satisfação do cumprimento de dever era muitas ve-

vezes familia real, augmento de população, mudança de costumes, falsificação de generos, etc., fôram creados mais dois logares de almotacéis, pela resolução de consulta da Mesa do Desembargo do Paço, em 28 de janeiro de 1819.

Trajavam vereadores e almotacéis uniforme de nobreza: calções pretos, meias e collete da mesma côr, chapéo de abas, sapatos de fivella e capa guardada ricamente; nas festas, nos bandos, nas recepções da côrte ou nas cerimónias dos vice-reis, usavam os almotacéis *vára vermelha*, cujo preço era, nos dois ultimos annos da existencia do *Senado* (1828—1829) de seiscentos e quarenta réis.

Quando entendiam opportuno annunciar ao povo e aos *homens bons* qualquer solemnidade ou acontecimento politico, sahiam a cavallo, vereadores e almotacéis, pelas ruas da cidade; e nos dias de gala levava o *Senado* em prégão seus alvarás.

Cuidavam os almotacéis das causas de infracção de posturas, julgavam as *coimas* do concelho; exerciam jurisdicção sobre os açougues, aferiam pesos e medidas e fiscalisavam o matadouro, recebendo, ás vezes, *como propina*, «um certo numero de linguas de rezes», que eram abatidas aos sabbados.

A construcção, reconstrucção e reparo de predios estavam sob a alçada da almotaceria e podiam os almotacéis embargar qualquer obra, bem assim ordenar a limpeza de quintaes e chacaras, varreduras de calçadas, tapagem de terrenos baldios, conceder licenças e arruações.

Davam preço as cousas expostas á venda, regulamentavam e taxavam generos no mercado e indagavam do procedimento dos escravos quitandeiros, impondo multa aos infractores.

Presidiam á matança do gado para consumo da população e no dizer esclarecido do grande mestre e maior sabedor da chronica historica — VIEIRA FAZENDA, o almotacél encarregado dessa fiscalisação, assentado numa cadeira de couro assistia a todo o serviço.

Ácerca do preço porque se vendia o *arésto* de peixe e da *ruim medida* e em virtude da queixa da Camara, ficou determinado em auto de correição

de 22 de setembro de 1660, do ouvidor geral, que o *arésto* não custasse mais de duas patacas a canada, notificando-se aos almotacéis e ás pessoas encarregadas ou vendeiros.

Aos infractores fôram impostas penas, além do que se havia consignado em correição de 1646—mandando revêr as contas dos pescadores, sendo, *em caso de divida, em alguma cousa executados em seus bens, como fazenda real*.

Si, a farinha escasseava no mercado, si se suspeitava de monopolio, os almotacéis tomavam providencias. E a respeito da vendagem desse genero, o auto de correição do ouvidor geral, Dr. André da Costa Moreira, de 27 de agosto de 1680, determinou que interviêssem os almotacéis no mercado e se considerasse imprescindivel aviso á almotaceria *quando chegasse a farinha, na cidade*.

Aos cocheiros de séges—chamados *segeiros*—e alugadores—que interceptavam o transito da cidade, em ruas estreitas, ordenaram por varias occasiões os almotacéis o cumprimento das posturas, e a 23 de outubro de 1819 foi o juiz almotacél sciencificado de que fizesse desembaraçar as ruas dos entulhos desnecessarios, *assim de segeiros e alugadores de séges*.

Eram esses serventuarios auxiliados pelo escrivão da Almotaceria, encarregado da escripta e a quem incumbia acompanhar nas diligencias aos almotacéis.

Até 1733, o cargo de escrivão rendia—mais ou menos—noventa a cem mil réis annualmente.

Outras attribuições, além das que dissémos, pertenciam aos almotacéis; e tantos e tão aproveitaveis serviços prestaram esses funcionarios á policia administrativa e á execução das posturas municipaes, que são pallidas referencias estas notas no limitado espaço da brilhante *Kósmos*.

NORONHA SANTOS.

## NEURASTHENIA

DESDE que lhe começaram a seccar as lagrymas, arrancadas do fundo da sua alma, desolada pela morte prematura do Rogerio, — tão moço, 31 annos, bonito rapaz, carinhoso a mais não ser, — Julieta se abandonára á apathia, e passava o tempo com os braços abertos sobre as almofadas do sofá turco, a olhar o tecto, suspirando continuamente...

Tinha empallidecido muito; e si Aurora, sua creada de quarto, ousava aconselhar que tivesse coragem e se não entregasse, assim, áquella dor somnolenta e muda, Julieta encolhia o pescoço, como um cysne ferido, e pedia, com voz quasi extincta, que a deixasse tranquilla.

Sobre a mezinha de ebano, ali perto, coberta de pellucia verde-musgo, a photographia de Rogerio, — rosto comprido, bigode imperial, ligeiramente calvo, fronte estreita, apoiando o queixo na borda de um alto collarinho á americana. — Ao lado do retrato, um vaso polychromico, esguio, com violetas brancas, — a flor que elle mais amava.

Na vespera Emilia e o marido tinham ido visitá-la. O Soledade instava Julieta a chamar medico: — precisava tratar-se; semelhante desanimo não era natural, porque, enfim, Rogerio morrera em janeiro, o mez de outubro findava, e ella sempre no mesmo, semi-morta, a olhar o tecto, numa especie de alienação morna, que entristecia os amigos e lhes causava apprehensões.

E recommendava o Dr. Astolpho, especialista em moléstias nervosas, formado ha pouco, é verdade, mas já meio celebre, que curára Emilia de umas palpitações mortificantes, depois de improficuo tratamento com outros clinicos.

Emilia confirmava, com rapido tremor de palpebras, o elogio do seu salvador, e, ás vezes, quando o marido exaltava demais a competencia do especialista, enrubecia...

— Vejam, — dizia o Soledade — é o rubor de gratidão... E tirava do bolso a photographia do Dr. Astolpho, guardada numa carteira de couro da Russia, e perguntava á Julieta: Não é sympathico?...

— Que achas, Emilia?, interregou Julieta, languidamente.

Não sei. Tu não soffres de palpitações, creio; e, si soffresses eu te traria as receitas... não haveria necessidade de consultal-o. Que é que tens?

— Uma displicencia infinita... visões tormentosas... certa constrictão no peito que me dá vontade de chorar, mas vontade, só... arrepios nas costas... e sobretudo uma fraqueza nos braços, ah! uma fraqueza nos braços...

— O Astolpho ha-de cural-a, D. Julieta, — assegurava o Soledade, alisando as mechas de cabello grudado ás temporas e puxado para a frente. E' um especialista incomparavel... Si não fosse elle, Emilia ainda estaria a affligir-me com as taes palpitações invenciveis, das quaes ninguem dava cabo. Não sei que remedio foi...

— Soledade!... murmurava Emilia, com o seu tremor de palpebras,

Julieta contemplou Emilia; fitou longamente a photographia de Rogerio; fechou os olhos, num recolhimento sagrado, teve uma certa convulsão-sinha nos hombros e suspirou. No dia seguinte escrevia ao Dr. Astolpho, chamando-o.

\* \* \*

Aurora acabava de pentear o cabello louro de Julieta, conforme as instrucções recebidas: bem frouxo, cahido aos lados da face, e um laço de fita preta atraz, junto á nuca. Julieta, com um espelho de mão, acompanhava o trabalho, sacudindo a cabeça de vez em quando. Parecia-lhe que os fios louros queriam voar, e que uma aureola dourada circumdava seu rosto pallido. Esperava o Dr. Queria uma consulta, apenas, ou duas... Depois... adeus! Seu mal era incuravel. E fitava a photographia de Rogerio, sentindo apertos na garganta, que lhe roubavam o ar...

Sentou-se no sofá turco, cercou-se de almofadas, encolheu o pescoço, com a cabeça pendida para o lado, e de labios entreabertos, as mãos brancas e magras pousadas nos joelhos, numa attitude de resignação angustiosa, ficou immovel.

Ás 10 horas, Aurora abriu a porta, e annunciou o medico. O Dr. Astolpho fez uma saudação profunda, um tanto constrangida e approximou-se. Julieta, sem vel-o, indicou-lhe a cadeira ao lado e disse, com intonação dolente:

— Mandei pedir ao Dr. a fineza de vir ver-me, porque não me sinto bem... Padecimentos Moraes... O isolamento, a saudade, uma vida feliz cortada em meio... Enfim!... Agora o que mais me atormenta é uma sensação constante de fadiga, um exquisito desejo de dormir sem somno, de fallar sem

voz, alguma cousa semelhante á ancía de voar pela sombra afóra, com sustos da luz e ao mesmo tempo com medo do escuro... Não sei como dizer... Penso, em certos momentos, que estou morta, comquanto conserve a consciencia de que existo... É um cansaço... Um cansaço! Tenho insomnias terríveis... Aqui, na nuca, uma garra perpetua... Nenhum appetite... Tambem, desde que meu marido falleceu... não saio deste sofá... Foi o Dr. que curou Emilia, não?

E pela primeira vez deixou cahir seu olhar humido no medico. Um moço forte, de bigode, olhos pequenos, sympathico, bem feito de corpo, elegantemente vestido.

— Sim, minha senhora; tive a fortuna de acertar. Quanto aos soffrimentos de V. Ex., julgo-os puramente nervosos. V. Ex., mesmo, fez a indicação das causas: isolamento, saudade... Contra os males moraes, a minha medicina nao tem recursos... Quero dizer, que são falliveis os recursos da sciencia... Comtudo, seria conveniente proceder a exame... V. Ex. permite?

— Oh! não, Dr., não é preciso,—observou Julieta, sacudindo os cabellos louros. Vão é preciso... Referi tudo que sinto... Mais nada. Não tenho palpitações, nem tosse, nem dores... Aqui está o pulso,—examine-o.

O Dr. Astolpho tomou o pulso esquerdo da doente, apoiando a mão della na sua, para não cansal-a; depois pediu licença para abaixar-lhe a palpebra inferior, afim de apreciar a sanguinificação da conjunctiva; voltou ao pulso, tacteando-o de leve, com a polpa dos dedos, maciamente. No antebraço de Julieta surdiram algumas pequeninas bolhas de suor. O medico tirou seu lenço, perfumado de *peau d'Espagne*, enxugou o suor da moça, continuou a tactear-lhe o pulso, muito sério, muito grave, sem respirar, quasi.

Em seguida, apertando ainda mais os olhos, principiou a fallar lentamente, com alguma indecisão, como si estivesse distraído, olhando ora a photographia de Rogerio, ora as mãos brancas da doente, ora os fios louros do cabello, sem encaral-a, de frente...

Tratava-se da neurasthenia, molestia muito estudada... Recalcitrante ao tratamento, sem duvida, mas curavel ao favor da solitudine do medico e da docilidade do enfermo... Acreditava que Julieta seria docil. Em todo o caso poria seu maior esforço em alcançar a confiança della... Estava realmente penalizado. A profissão medica tinha desses infortunios... Passaria o resto do dia, e talvez os dias seguintes a soffrer o soffrimento da sua doente, em quem se

accumulavam todas as graças e todos os estímulos para o goso da vida... la receitar; receitaria antes com o coração que com a intelligencia... Rogava-lhe que tomasse o remedio... não se descuidasse... Exercício, sol, ar livre, um pouco de alegria... Pedia-lhe que quebrasse aquella monotonia de existencia...

Receitou, explicou-lhe o uso do remedio e despediu-se, esquecendo de lhe apertar a mão... Voltaria dois dias depois, á mesma hora.

Que impressão lhe deixou o Dr., minha ama?—indaga Aurora.

— Nenhuma... Creio que não vale muito. E cheirava o pulso, onde sentia o perfume acre de *peau d'Espagne*.

\* \* \*

Na quinta-feira, ás 10 horas em ponto, o Dr. entrava. Julieta recebeu-o com um imperceptível sorriso, arranjando com ambas as mãos o laço de fita preta, que lhe prendia o cabello louro, atrás, perto da nuca, e deixando ver o busto, sem espartilho. moldado no corpete, em curvas formosissimas. Acreditava estar um pouco melhor... não muito... dormia regularmente...

— E sonhou? Com quem?

— Com Rogerio! Com quem havia de sonhar, então? Devo seguir o mesmo tratamanto? Tenho tanto receio de importunar o Dr. com a minha neurasthenia... Não é assim, que se diz? Neurasthenia...

— E' assim mesmo. Mas não sei si deve insistir no tratamento. V. Ex. não consentiu, nem consente, que a examine... Não me julgo sufficientemente instruido em relação á sua molestia...

— E' indispensavel o exame? Pois bem: examine,—disse ella seccamente.

O Dr. Astolpho levantou-se, apoiou o joelho na borda do sofá turco, e curvado, encostou a cabeça ao peito de Julieta, amparando-a com a mão entre as espaldas. Durou muito o exame... O exame do coração foi que durou mais.

Um acre perfume de *peau d'Espagne* envolvia medico e doente. Julieta pregára os olhos na photographia de Rogerio. De subito teve um estremecimento...

— Sente-se mal?

— Cansaço... Encontrou alguma lesão cardiaca? Ouvio-o bater, o coração? E' extranho; chego a persuadir-me que elle está morto dentro de mim...

— Adormecido, só. E' indispensavel despertal-o. Tem muita vida, esse coração appetecido...

— Appetecido?

O Dr. fingiu um grande enleio. Depois, dirigiu-se á mesinha de ebano e, bruscamente, voltou para baixo a photographia do Rogerio.

—Que faz? Como explicar isto?

—Não explicando... Ha cousas inexplicaveis... V. Ex. continuará a tomar os mesmos remedios... Seu incommodo é puramente nervoso. O coração está bom... Talvez um pouco frio...

—Quando volta?

—Dentro de uns 15 dias... Não é mister vir antes...

—Volte sabbado, sim?

Astolpho inclinou-se, apertou-lhe a mão, desta vez, e partiu.

\* \* \*

O vaso de vidro polychromico tinha uma rosa escarlata, e, sobre a mezinha de pellucia verde musgo a photographia de Rogerio continuava voltada para baixo.

A visita do Dr. foi demorada... Julieta confessára extraordinarias melhoras e tanto que havia resolvido pôr o espartilho... muito largo...

Astolpho contemplou-a insistentemente, e ella fechou os olhos, contrahindo os labios, como que revoltada... D'ahi, uma alteração profunda do tratamento.

Ao despedir-se, o medico estava radiante. Julieta, com as mãos brancas e magras, amimava os fios louros, que queriam fugir...

—E o remedio?

—Não precisa... Entrou em convalescença...

—Então... nenhum tratamento, mais?

—Oh! sim... Voltarei amanhã.

Com seu lencinho de renda, a viuva saccudiu o pó de arroz do hombro do especialista.

\* \* \*

Era a quinta vez que Julieta ia á officina do pintor. Queria o retrato do seu Rogerio bem parecido;—exactamente como o original, sem aquelle bigode retorcido da photographia, um pouco menos calvo, com o rosto mais redondo, apparencia mais sadia, a testa mais alta, sem os taes collarinhos á americana...

E o pintor retocava, emendava, corrigia, sob a fiscalisação della, que ficava ali horas e horas, agitando febrilmente o pé, calçado de sapatinho de verniz...

Afinal, ficou prompto, o retrato. Julieta mandou fazer uma moldura dourada, muito bonita, para a imagem fiel de Rogerio e collocou-a no salão, de frente do sofá turco...

O Soledade e a mulher foram visitar Julieta, completamente restabelecida...

Ao verem o retrato, Emilia teve um intenso tremor de palpebras; e o Soledade, mettendo a mão no bolso para tirar a carteira de couro da Russia, reflectiu, gravemente:

—D. Julieta... Noto agora, que o nosso bom Rogerio tinha suas semelhanças com o Dr. Astolpho, especialista de molestias nervosas...

—Qual! Sr. Soledade: com bigode só, todos os homens se parecem, mais ou menos...

Emilia considerou o retrato; depois observou o marido, e levádo a mão ao peito, como si as palpitações houvessem reaparecido, opinou, tristemente:

—Não acho, não...

MARIO ANTUNES.



A PHYSIONOMIA E AS MÃOS (\*)

ELEONORA DUSE

**A**TTENDAMOS esta physionomia dolente, desinquieta mas não desvairada, este olhar que parece guardar uma grande queixa, mas onde ha relampagos duma vida intensa, e esta attitude graciosa, nobremente calma, elegante e vigorosa na sua *pose*, e comprehendemos que nos achamos em frente duma mulher excepcional.

Não nos é estranha. Ha annos, ha uns dezoito ou vinte annos, vimol-a no *S. Pedro de Alcantara*. Era mais do que menina, estava no momento primaveral da idade. Um quê singular de rapariga dava-lhe delicadezas melindrosas de flôr. Mas, já o seu talento fascinava, a sua marcha triumphal para o aureolamento da gloria se prenunciava no ardor, na alma, na vida com que interpretava Dumas Filho e Goldoni.

Hoje, esta que foi uma rapariga seductivamente elegante, é uma impressõnante mulher; seus traços estão modificados pelos annos, o seu typo tomou, afinal, o contorno definitivo que a fixará na imagem tradicional e no marmore, porque esta é a gloriosa Eleonora Duse.

E' sobre o *typo* de hoje que faremos o nosso estudo.

Pelo processo da sra. Genia Gioubow as analogias physionomicas da *Signora* Eleonora Duse fundam-se no leão e no ca-

vallo. Do leão tem ella a cabeça, a forma approximada da fronte a abundancia e o revoltado da cabelleira, a expressão franca da physionomia e a concentração observadora do olhar. Do cavallo o nevrosismo das rinas, a dureza ossea do maxillar, a altivez serena da attitude.

Pondo de parte este methodo das analogias, vejamos, com a sra. Genia, o que se lê nesta cabeça por sua conformação.

O craneo é redondo-mixto, inclinando-se para o genero *dolichocephalo* (segundo Retzius, são os craneos que, vistos de cima, têm a forma oval) o que indica cerebração imaginativo-sentimental, indício perfeitamente caracterizado pela fronte sinuosa e vasta, curvada nas temporas, que nos affirma uma intelligencia dominada por harmoniosas seduccões da côr e da forma, mas pouco apta ás concepções abstractas.

Em um rosto de insignificantes maçãs e fracos maxillares, esta fronte seria máo indício, mas, na *signora* Eleonora Duse, nas tres zonas do systema facial se revelam proporções de um robusto equilibrio, e a forma ovoide do frontal, tanto quanto o queixo, neutralisa a aspereza do instincto sensual e o impulso combativo que se accusam na ossamenta das partes mediana e inferior do rosto.

A abundancia dos cabellos ondulados, finos mas rebeldes ao alisamento, vem collaborar na excepcionalidade deste magnifico typo, em que o languor reside, por assimdizer na vivacidade.

As sobrancelhas que lhe são espessas e em arco, sensivelmente levantadas para o angulo temporal, confirmam excellente memoria e vontade impulsiva, com tendencias imperiosas e dominadoras. Os seus olhos grandes, correctamente abertos, muito mergulhados na parte interior do rosto, dizem a grandeza dos seus affectos, e tambem o quanto é sua alma passional, o interesse que lhe desperta a vida, mas a vida nas manifestações imprevistas, nos impetos das paixões, nos definêamentos dos pezares.



(1) Este trecho foi propositalmente destacado dum interessante manuscrito com o titulo acima. E' um curioso trabalho de illustre amador de sciencias occultas, que, por modestia, se assigna Carlos Henze, em memoria do Adolf Henze, um dos mais notaveis chiro-manticos d'Allemanha. Dando-o, nesta revista, julgamos offerecer ao publico um exquisito trecho de litteratura pouco praticada, cujo sabor estranho satisfará, sem duvida, o requinte litterario dos nossos leitores e será grande attractivo para os admiradores da inovidavel e genial Eleonora Duse.

Direito, maciço, de solida radícula, seu nariz, cujas narinas são dilatadas, tem o defeito de ser um pouco achatado nos lados, e o de não se aproximar um pouco mais da bocca. Si, por suas qualidades, denota coragem viril, gosto pela ordem material e perseverante actividade; pelos defeitos fazem suppôr propensões para arrebatamentos e crises breves, porem terríveis, de felina sensualidade. Então o instincto carnal ennegrece a consciencia e suas expansões não conhecem limites.

A sua bocca, de grandeza mediana e de labios carnudos, nitidos e regulares, *virgulada* nas commissuras, tem a forma *affectuosa* e inculca bondade, generosidade, lealdade, alem do desejo de amar e de se dedicar até o sofrimento. E á este signal se une o do fino tacto na escolha de suas relações, que se presume do desenho do queixo, ligeiramente erguido e rigido.

Aqui temos a *leitura* physiognomica da grande artista, de accordo com o retrato estampado e comparada com as minuciosas indicações da sra. Genia Gioubow, que é notabilidade no assumpto.

Passemos, se o leitor não se enfadar com isso, ao estudo de suas mãos, dessas mãos formosas que fizeram Grabiele D'Annunzio escrever na primeira pagina da *Gioconda* a seguinte dedicatória: *Per Eleonora Duse dalle belle mani.*

Antes de tudo, devemos confessar, lealmente, que nunca tivemos a suprema ventura de estudar esse formoso original; vimol-o como todos o viram no palco, ou, por uma inolvidavel graça do acaso, no momento de nos honrar com a retribuição dum comprimento. Assim, o que se vae lêr é mais um esforço de *advinhação* do que um documento estudado.

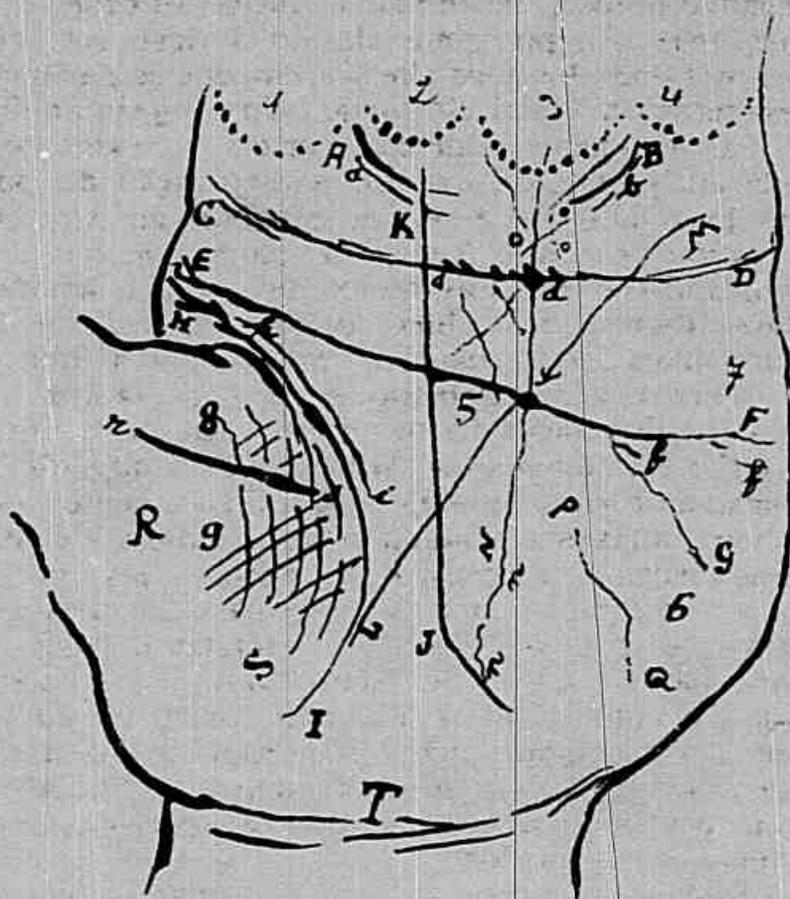
Pela interpretação chiromonica as mãos da *Signora* Eleonora Duse são compridas, claras, de dedos mixto-fuselados e unhas amendiformes. Poderiam pertencer á classificação de *voluptuosas* si não fosse uma certa magreza, que as não afeiam, mas lhe accentuam, postoque imperceptivelmente, os nós dos dedos, fazendo valer suas indicativas de ordem espiritual e material. O contorno fuselado ou *espiralado* dos dedos demonstra a sua indole imaginativa, e um grande despreendimento da vulgaridade, mas a forma mixta inculca perseverança, observação e calculo. O pollegar é bem equilibrado nas suas duas partes, a primeira phalange — a da vontade; a segunda — a do raciocinio.

E', porem, pela chiromancia que iremos desvendar a sua alma e, tanto quanto nos fôr possível, recompôr o seu passado.

Em primeiro lugar, e para nos facilitar a *leitura advinhada*, tracemos um delineamento da mão esquerda da *signora* Duse.

Obtido isto, vejamos: Os montes dominantes na sinistra devem ser: o de Jupiter (n. 1) o de Apollo (n. 3) o da Lua (n. 6) e a região de Venus (n. 9). No primeiro encontraremos a grande segurança de si propria, o natural orgulho da sua personalidade e a boa influencia que a tem dirigido na vida. Neste monte, quando bem formado, estão as nobres aspirações e o amor pela natureza.

Apollo, quando domina, dá o gosto das artes, a celebridade, a gloria. E' o deus bello e nobre. A sua influencia representa a intelligencia, o talento, o



genio, o brilho e a belleza. Segue-se-lhe, na sinistra que *lemos*, o monte da lua. Este é o indício da imaginação sentimental, da melancolia, dos vagos desejos, da tendencia para o mysterio, para a solidão e o silencio. Ora, combinados os tres montes dominantes como a região de Venus (que, tambem deve dominar nessa mão, e porque Venus dá a graça, a elegancia, o desejo de agradar, a necessidade de amar, a ternura) teremos a seguinte tradução: Forte, consciente do seu valor, levado por nobres aspirações, *esse individuo* possui um talento brilhante, uma decidida vocação para a Arte, na qual a sua sentimentalidade de imaginação e de amor encontra todas as felicidades, a qual reúne a sua graça e entrega a exuberancia da sua indole ternamente apaixonada, donde successo, celebridade, gloria.

Attendamos, agora, ás suas linhas. Em primeiro lugar, no alto da palma, entre as raizes do indicador e do médio, deve-se encontrar uma dupla linha (A, B, a, b) que se quebrará sob o annular para de novo se recompôr até as raizes do annular e do minimo. E' o que os chiromanticos chamam *anel de Venus*. Por elle lê-se tendencias irreprimiveis para o amor, desejos lascivos, paixões excéntricas e pôde significar depravações hediondas conforme a influencia maior ou menor dos *montes* existentes na mão. Quando duplo os seus defeitos se accentuam. Na mão da grande artista, porem, o *anel de Venus*, que supomos duplo, estará interrompido pelo *monte* apollino, limitado na sua influencia pela benefica influencia de Apollo. O instincto é vencido pelo espirito, a Arte domina os impulsos máos da carne.

Abaixo encontraremos a linha *cordal* (coração) que no delineamento estampado corresponde as iniciaes C D. Partirá do *monte* de Jupiter dirigindo-se ao perfil da mão. As consecutivas commoções, resultantes do seu finissimo temperamento nervo-

sensitivo-bilioso, dar-lhe-ão o tracejo *saccadé* ou em elos, mas o typo geral da linha deve ser firme pela nobreza dos seus affectos, em que se patenteia o desinteresse material affirmado pelo monte jupiteriano.

Paralellamente com esta correrá a *mental*, começada em galhos de forçado na separação do pollegar. Esta linha deve ser descendente ao atravessar a *planice de Marte* (centro da palma da mão n. 5), bifurcando-se em dois ramos, um para o *monte* de Marte (bordo da palma, ao alto da mão n. 7) e outro, mais longo, para a região da lua, que tem no schema acima gravado o n. 6. A *mental* com suas ramificações achia-se representada pelas iniciaes F F f f G. Começará firme, bem *arraigada*, demonstrando uma intelligencia precocemente desenvolvida, atravessará nitidamente a *planice* de Marte onde recebe a resistencia desse deus poderoso, e descamba para a *lua*, para a melancolia, para o sentimentalismo; ahi, entretanto, lança um ramo para o *monte* de Marte, que lhe mantem o vigor, e outro para a vastidão lunar, da qual lhe vêm a versatilidade, não prejudicial, ao contrario — util á sua arte, porque della depende a facilidade com que se *incarnará* nos diversos personagens de dramas interpretados.

Si a linha não se bifurcasse, então a sua presença seria de máo augurio.

Segue-se a esta, contornando a raiz do pollegar, a linha *vital*, quasi dupla, marcada pelas letras H I h i, provando luxo de viver. No seu começo deve ser irregular, feita de junções de pequenas linhas quebradas, que indicarão influencias trabalhosas presidindo a sua gestação, depois desassocegos na primeira idade. A linha, vencida estas difficuldades, correrá um tanto incerta, attestando mocidade inquieta, luctas, trabalhos, desmaios; depois descerá firme para o pulso. Os obstaculos cessaram, a existencia tornou-se materialmente tranquilla. A approximação da hepatica (L M) dá-lhe, porem, uma interpretação desagradavel. Si ella, na realidade, existir como supomos, prenuenciará enfermidades chronicas das visceras, debilidade organica no começo da velhice. Na parte representado no delineamento pelos numeros 8 e 9 devem apparecer traçadas com firmeza as linhas r s e R S. E' a região de Venus, e suas linhas dizem de amor, falam eloquentemente sobre os impulsos, as incontinencias, os requintes dos temperamentos ardentes, linhas que se tornam terrivelmente significativos quando teem a forma *gradeada*. Mas, para exprimir toda a sua intensidade sensual, toda a força do instincto, basta a linha r s. Si esta combina-se com aquellas, os arrebatamentos amorosos são os que se chamam *teuticulares*, porque sugam, e se agarram ao objecto amado, com a lubricidade aniquiladora dos polvos.

Nas linhas ascendentes encontraremos: a saturnina (J R) que irá, em leve vertical, da approximação do pulso á raiz do dedo medio (n. 2), sem a tocar, mas atravessando firme o *mental* e a *cordeal* e inclinando ligeiramente para o *monte* de Jupiter. E' a força do seu destino e provará a direcção recta da sua vida, obedecendo a uma só idéa, levada pela *fatalidade* do que devia ser. Atravessando esta linha (L M) e com ella e com a *mental* formando um triangulo na *planice* de Marte, por-

que nasce nas proximidades da *vital* dirigindo-se, em diagonal, para a raiz do dedo minimo, encontrar-se-á a hepatica, denunciando a combinação nervo-biliosa do seu temperamento e, por consequente, as violentas crises nervosas do seu *genio*, inquietações, irrepremissiveis cóntrariedades provocadas por pequenos obstaculos de ordem material. O triangulo formado por esta linha, pela saturnina e pela *mental*, representará, tanto a sua resistencia nas vicissitudes, como o quer que seja de supersticioso, de attracção pelo mysterio, pelos phenomenos transcendentaes da psychose. Ahi devemos encontrar o nascimento (n n) da linha de Apollo N O. Este começo, sem duvida irregular, (combinado como o principio da *vital*) indicará que a *fatalidade* a levou, desde a idade a mais tenra, a fazer profissão artistica. A linha, ao partir da *planice* de Marte (a resistencia) firma-se, e accusa um *ponto* na linha da intelligencia e depois outro *ponto* na linha do coração.

São fatidicos estes signaes. Em geral os pontos symbolisam desgraças. Ahi, porem, estão modificados pelas linhas ascendentes, a saturnina e a propria linha de Apollo. De mais o *thau* (letra sagrada que está proxima destes pontos, entre a saturnina, a cordeal, a *mental* e a linha apollinea) abranda a importancia dos signaes. O *thau* quer dizer successo completo, o absoluto, a verdade. Assim leremos o ponto sobre a *mental* — arte exaltada pela intelligencia depois de enormes fadigas para triumphar, e o ponto sobre o cordeal — arte ennobrecida pelo sentimento. Devemos notar tambem que este ultimo ponto significa paixão escravizadora, abalo sério na vida affectiva, e correspondente á linha de Apollo, como corresponde, paixão cuja causa está na sua propria arte. Teremos ainda, para affirmar esta ultima interpretação, a cruz o o, em direcção do monte de Mercurio, o que marca um grave acontecimento na sua gloria de artista, resultante duma paixão amorosa.

A linha apollinea, após os indicados estorvos, seguirá direita e solida, dividindo-se em tres ramos consequentes para Apollo, documento affirmativo do seu merito e da sua gloria, a que corresponderá a boa forma do monte de Mercurio (n. 4) donde recompensa pecuniaria do seu valor.

Ainda encontraremos na região lunar, n. 6, uma linha em forma de L imperfeito, marcada pelas letras P Q, indicando viagens por mar e por terra, e o triplice bracelete da vida longa, figurado pela letra T; convido observar que este bracelete exprime relatividade.

E assim temos a alma, o temperamento, o modo de ser desta surprehendente artista, nascida em Veneza e admirada por todo o mundo.

Já dissemos não conhecer as linhas chiro-manticas da *signora* Eleonora Duse; conhecemos unicamente, a forma esvelta e aristocratica de suas mãos, o que quer dizer a sua expressão chirognomica; mas, acreditamos não elaborar em erro, affirmando que *ellas* são, realmente, como ficaram representadas e foram lidas.

Um dia esta confirmação apparecerá.

Rio de Janeiro.

Outubro de 1905.

CARLOS HENZE.

## SALA VASIA

**D**AQUELLE instante, nem elle proprio podéra explicar em que pensava. As impressões baralhavam-se-lhe no espirito de tal modo, tão desordenadas e diversas, a revestirem fórmulas tão extranhas, a assumirem attitudes tão bizarras, que não havia determinar ao menos a idea-cause, o sentir-origem do estado. Era como num circulo de metamorphoses continuas todas as nuances succedendo-se, todas as gammas e todos os esplendôres passando. As palavras multiplicavam-se-lhe na garganta violentas e sem nexos, innumeraveis, mudas. As imagens tumultuavam-lhe no cérebro luminosas, confundindo-se, serpeando, tremendo. Recuavam, a quando e quando, refluíam. Logo, porém, se operava a reacção de força contida, e ellas tornavam volúvolas, ás myriades, deslumbrantes. Por vez desciam das alturas, tremulas e irizadas, em melodias d'arias por paizagens reverberantes de luz e silencio; por vez irrompiam do sólo, walkirisantes e inéditas, a envolverem-n'ô. Entretanto, em reflexo, interiorizavam-se, e uma ternura suavissima o invadia, a qual se lhe alargava pelas veias, se lhe diluía pelo sangue, se lhe espalhava emollente pelo organismo inteiro. Surgia a saudade, a deliciosa saudade que o torturava, que o não deixava impiedosa, e elle cahia em abstracção, de olhos fixos, embevecidos no quer que fôsse apenas d'elle entrevisto, de alma entre nevoas, por voluptuosas regiões de sombra. Extasiava-se, em vôo para fóra da Terra, em surto para além dos limites da Especie. A emoção, intellectualisando-se, levava-o transfigurado. E elle revivia na figura apollinea dos primeiros annos de moço, renascia exuberante de viço e enthusiasmo, a caminhar ao encontro dos homens e das cousas de braços abertos, com a bocca transbordando de beijos e de versos, com a cabeça coroada de estrellas, sob o passo, resoando triumphal, o hymno indestructivamente eterno da Victoria. No piano, ao fundo, a extender-se negro, em virgula, sobre o estrado, a sua historia reffloria passional e humana, tal qual viéra decorrento até aquelle minuto decisivo para a sua gloria de Eleito, tal qual se viéra tonalizando fulgural através dos parenthesis de ouro e lágrima das Edades. No espelho, a um angulo, resaltando ovoide de florões e arabescos em moldura, revia-se o Paladino, de gesto pálido e harmonioso, por veludosos campos de asphódelos renhindo a batalha do Desejo. O Evocador reapparecia, e, ao seu rastro lirial, a agua, adormecida deliciada ao reverbéro das luas, despertava submissa, derivando por clareiras e alfombras, diffundindo-se por planicies e florestas, a encher de espasmos de alegria novas raizes e folhas. No ar a substancia elemental primária vaporisava-se passiva, em fluido, a derramar-se fecunda

no ambiente vegetativo, a filtrar fertil da Immensidade. E elle imperava omnimodo e omnipotente, exercendo a sua acção sobre tudo, desenvolvendo a sua energia por toda a Natureza, pelo orgânico e pelo inorgânico, pelo mineral e pelo animal, radiando vital por todos, todos os seres, — como um deus! Mas, o espectáculo mudava súbito, a opalinizar-se em brumas vibranteis de neve batida de sol, e as imagens resurgiam, resplandecendo polychromas, vencendo-o, anniquilando-o.

Nunca a sua virtualidade esthetica fôra mais cruelmente excitada. Dir-se-ia só então se lhe haver deparado o motivo para a obra suprema, immortal; só então allí, naquella sala agora vasia, momentos antes cheia, a palpitar multânime e radiosa, se lhe haver effundido o divino sôpro ineffavel, creadôr de todas as psychoses fundamentaes. O prodigio concepçional realizava-se, procurava revelar-se, traduzir-se de prompto na expressão intima, definitiva. Ao mesmo tempo temia a sonoridade vocabular, como fugia á illuminação do Verbo. Um impeto forte de aza em fogo a crescer para o alto flammejava-lhe no intimo; um effluvio mágico de vontade em éstos percutia-lhe nos nervos. Impossivel, no emtanto, quebrar o mármore, dentro do qual ardia a chamma; inefficaz, todavia, animar o cadaver, em cujo peito estuava a ambição.

Vagamente se lhe delineiava á intelligencia, em desvéo ao fenomeno, o vulto da creatura olympica, com quem se aventurára na vertigem da walsa. Era um corpo ágil e robusto, de quadris recurvos, levantando-se na penumbra combativo e attrahente, uma estátua serena de deusa pagan, surdindo repentina e primaveral de agreste recésso para a hostilidade fremente do Instincto. Um cheiro agudo de papoulas em desbroche inundava-lhe o todo; uma fragancia húmida de rosas em vermelho cobria-lhe a marcha. E ella avançava para elle a sorrir, prestes a enlaçal-o na sua caricia, próxima a cingil-o na sua ancia, ávida de o ter em si mesma, fundido na sua febre, absorvido na sua volúpia, visceralmente transsubstanciado na sua carne. Comtudo, uma invisivel mão o retinha, o chumbava petreo no lugar, e elle não correspondia ao chamamento, não acudia a colher aquelle ósculo estiolando suspenso no espaço á falta do calôr de outro, não se atirava sôffrego ao choque daquelle delirio de amor, que só para elle parecia materialisar-se e viver.

A custo conseguira divisar juncto a si alguém, de luxuriantes contornos femininos, que, vestindo agasalhadôra capa de côr de tijôlo velho, com bordaduras em fio de prata, se preparava para sahir. Não chegára mesmo a distinguir que dizia a voz, que lhe soava aos ouvidos, que frases escandia consoladoras ou desolantes. E allí permanecia augusto e inerte, maravilhado, a assistir ao desenrolar insólito do drama psychico, quando a mullier ideal, inopinada apparecendo, lhe tocára de leve o hombro, a indagar — "Em que scisma?... Não vem?..."

# Elogio da Loucura

ERASMO

VERTIDO E ANOTADO PELO

DR. PIRES DE ALMEIDA

DEFINIÇÃO DA LOUCURA, SEU ESTADO-MAIOR,  
INFANCIA E VELHICE



Admirem os mais competentes esta sentenciosa estirada de Platão: *As republicas seriam felizes si os philosophos governassem, ou si os que governam fossem todos philosophos*: — conceito este falso, e que tem contra si os factos historicos. Effectivamente, si os consultarmos, verificaremos que a maior calamidade que pôde succeder a qualquer povo, é calhar nas mãos de um d'esses pedantes, de um d'esses typos que morrem sobre os livros.

Os dous Catões o comprovam exuberantemente: um d'elles, com suas loucas delações, perturbou a tranquillidade da Republica; e o outro, abalou pela raiz a liberdade do povo romano, apesar de sua nimia sabedoria.

Accrescentem agora a estes os Brutos, os Cassios, os Graccos, e o proprio Cicero, que á Roma causou

tanto mal, quanto Demosthenes aos Athenienses. Covenho, ainda que não faltem exemplos para contestar-me, que Marco Aurelio, por exemplo, tivesse sido um bom Imperador; porém, elle causou mais males á Roma legando-lhe o filho 1), do que bens lhe porcionára com todas suas bondades. Os tão proclamados sabios não passam de uns caiporas, mórmente no que toca á progenitura: precaução, essa, da propria Natureza, para que não grelasse a má semente da sabedoria. Os filhos de Cicero não se pareceram com o pae; e os de Socrates sahiram á mãe, isto é, fôram doudos varridos.

Não seria um grande mal não prestarem os sabios para os negocios publicos, si ao mesmo tempo elles não fossem uns desastrados em tudo mais.

Sentem-se á mēsa com um philosopho, e vê-se-hão entristecidos pelo seu silencio, ou amollados com insipidas discursões. Si querem presenciar um urso se rebolindo, façam-no bailar. No theatro, sua lugubre catadura desconcerta o regozijo geral. *Venerabilissimo Catão, ide-vos embora, ou sêde humano* 2). Si um philosopho, inesperadamente, se apresenta em qualquer animada assembléa, todos interrompem o fio da conversação e se afastam desapontados. Em summa, comprando, ou vendendo, em quaesquer transacções do commercio diario da vida, dá constantemente provas de grande basbaque, pois deixa-se sempre engazupar por qualquer vivório. Inepto para tudo quanto é mundano, indifferente e alheio aos costumes, e pensando sempre de modo contrário a todos, os taes philosophos são inuteis a si mesmos, á patria e aos amigos. Planta exotica entre seus semelhantes, o resultado é que ninguem gosta d'elles, mettendo-os todos á bulha.

Tudo sendo loucura no mundo, o que se vê por ali constantemente são doidos ás voltas com outros doidos. Si um só pretende verberar o procedimento dos homens, o que de melhor pôde fazer é imitar Simon, que se refugiára nos desertos para gozar á farta de sua sabedoria.

Voltando á vacca fria, respondi-me: quem arrancou os homens das flôrestas para reunil-os em sociedade? Acaso não foi a lisonja? As lyras de Amphyão e de Orphéo, constituem, a meu vêr, o emblema do mais escandaloso engrôssamento. Seria por algum discurso philosophico, que se conciliou o povo romano, disposto a toda casta de excessos?

Não, por certo: foi simplesmente pelo conto de uma bruxa, a proposito do estomago e das demais partes do estomago. Themistocles aproveitou-se tambem de outro apologo, de que eram personagens

1) Commodo, imperador romano. Succedeo ao illustre pae na idade de 20 annos. Teve por ministros os cidadãos mais corruptos, taes como Perennis e Cleandro, liberto phrygio; commetteo toda a casta de crueldades e loucuras, entregando-se á vida mais desenfreada. Formaram-se contra elle várias conspirações, que deram occasião a derramar o sangue de suas victimas, em cujo numero conta-se Lucilla, uma de suas irmãs; Crispina, sua mulher; e muitos senadores. Morreo envenenado por Marcia, sua amante, que vira seu nome numa lista de proscriptos. De estatura e força prodigiosas, fez-se alcunhar — *Hercules*; e, para justificar esse appellido, entregava-se publicamente a exercicios de gladiador, deseendo mais de setecentas vezes á arena.

2) Foi o que reclamou a plateia romana, vendo apparecer esse philosopho, no theatro, de uma feita, quando se deviam executar certas dansas algum tanto livres. E Catão, com effeito, retirou-se.

a rapôza e o ouriço 3). Que outra arenga seria capaz de produzir o effeito da tal corsa inventada por Sertorio 4); dá celebre historia da cauda do cavallo, de que se deviam arrancar os cabêllos; e a dos dous cães de Lycurgo 5)? Já não falo em Minos e Numa, que governaram os homens com fabulas.

São effectivamente estas bobagens, que mais influem na grande e poderosa besta, que se chama *povo*.



Citem-me, si são capazes, um só paiz que adoptasse as leis de Platão, ou de Aristoteles, ou mesmo as maximas de Socrates... Por que razão votaram-se os Decios aos deuses infernaes? Que motivo levou

3) Os athenienses queixavam-se das concussões e repetidas violencias dos Magistrados. Themistocles contou-lhes este apologo: uma raposa cobria-se de moscas, que lhe sugavam o sangue; piedoso ouriço, passando na occasião, quiz enxotal-as, assim libertando a raposa d'aquelle flagello.

“Não me faças semelhante cousa”, exclamou a raposa protestando, “estas já estão fartas, fartissimas; ao passo que as que as substituem virão naturalmente sequiosas, famintas”.

4) Sertorio gabava-se de possuir uma corsa que de tudo o prevenia. Para demonstrar que o criterio sobrepuja, em todos os actos da vida, a força bruta, mandou que dous individuos arrancassem, cada um de per si, as crinas da cauda de um cavallo. O primeiro, que era possante de braço, porém curto de intelligencia, quiz arrancal-a de uma vez, e nada conseguiu; emquanto que o outro, menos espadaúdo, porém mais sensato, alcançou o seu desideratum, arrancando cabello por cabello.

5) Lycurgo, para demonstrar que a educação é que distingue os homens, contou-lhes a fabula de Laridon e Cesar.

a Curcio despenhar-se n'um abysmo? 6) Foi a chimera da gloria, idolo dos homens, embora contra ella declamem os philosophos. Affirmam estes que não ha maior loucura, do que bajular o povo, do que affagar a canalha, comprando por esse preço, pelo alto preço da vil lisonja, os seus favores e applausos, tão só pelo gostinho de, enfiados em alvo camisolão, atravessar o ignobil engrossador as enfeitadas ruas e praças da cidade, em carro de triumpho, á maneira de andores carnavalescos, aos *vivas!* e ás acclamações de uma plebe insensata e voluvel! Censuram, mais ainda, os que a si se fazem erigir estatuas em praça publica, e não poupam a profusão de titulos, as honras divinas tributadas a um misero mortal, e—o que é peor—a tyrannos sanguinarios solemnemente divinizados.

Estas insignes loucuras estão a pedir a critica de mil Democritos; entretanto, ninguem lhes contestará o direito de serem ellas a fonte dos factos heroicos, tão decantados pelos sabios de todos os tempos. A todas essas extravagancias deve-se a formação das cidades, a força dos Imperios, das authoridades, as leis, e—finalmente—a religião.

A vida, a actividade humana, pois, não passa de longa serie de loucuras.

Não esqueçamos as artes. Que, mais do que a sêde de gloria, desafiou os talentos geniaes a se atirarem ás descobertas, que tanto nos maravillham? Os homens fôram nimiamente loucos em se persuadirem que essa *qualquer coisa*, esse fantasma illusorio, denominado *Fama*, valia a pena de ser comprada á custa de vigalias e de trabalhos. Vós outros, os philosophos, os eternos madraços, pelo contrário, desfructaes mil commodidades e prazeres, que deveis exclusivamente á loucura de vossos semelhantes.

Tendo-vos demonstrado os meus direitos á coragem e á industria, vossa admiração e pasmo crescerão de ponto quando scientificado do quinhão que me cabe na prudencia. Dir-me-heis que, provado isso, ficará tambem provada a possibilidade do consorcio da agôa com o fôgo. Pois bem: garanto-vos chegar aos meus intuitos, si me prestardes, como até agora, vossa benevola attenção.

Si a prudencia é filha dos negocios, quem n'ella terá melhor parte? O sabichão que, pela sua modestia, e timidez, nada ousa emprehender, ou o doido que a tudo inconscientemente se atira, por desconhecer aquellas qualidades, e menos ainda o perigo em que se mette? O primeiro sabe apenas interpretar os antigos autores, e sophisticar a proposito de palavras; o segundo, ao contrário, adquire, si me não engano, a verdadeira prudencia, pelos muitos emprehendimentos e reiteradas trapaças.

O proprio Homero, não obstante cego, isso enxergou quando disse: *que o doudo ficava manso á sua propria custa*. Ha dous obstaculos, que se

6) Joven romano, que se votou aos deuses infernaes para salvar a patria. Tendo-se aberto a terra no centro do Forum, e havendo o oraculo vaticinado que só se tornaria a fechar quando Roma alli lançasse o que ella tinha de mais receioso, Curcio, já notavel por suas fanhas, precipitou-se, tal que se achava, e completamente armado, no sumidouro, cerrando-se a terra logo após.

oppõem a que o homem adquira experiencia: o acanhamento, que lhe venda os olhos, e o medo, que, exagerando o perigo, tira a coragem aos mais affeitos. A loucura é o preventivo d'estes males. Poucas creaturas ha que se compenetrem que, n'este mundo, mais vale não ter pêjo, nem vergonha, a seguir sempre o recto caminho. O ajuizado, isto é, aquelle que faz consistir a prudencia no justo discernimento das cousas, está muito distante da verdade.

Antes de tudo, todas as cousas mundanas offerem, á similhaça das bocetinhas de Alcibiades 7), duas faces diametralmente oppostas: a externa annuncia a vida e encobre a morte; e o que parece morte, é—na realidade—a vida. A fealdade atavia-se com os adornos da belleza, e a miseria com os rebuços da opulencia. A honra encobre a infamia; a sabedoria, a ignorancia; a fraqueza, a fôrça. No semblante, a alegria, quando, entretanto, a tristeza rói e devora o coração. O que aparentemente se nos affigura nobre, é baixo e vil no real. O beneficio, o amôr, os carinhos se transformam em desvalia e mentira, e a amisade não passa de dissimulado odio: a casca é remedio,—o miôlo, veneno. Abra-se, finalmente, a tal caixinha, e tudo mudará pelo avêso. Si nisso vêdes muita philosophia, passo a explicar-me com mais clareza, e—como geralmente se diz—terra a terra, em linguagem bem rasteira.

Quem contestará que os Soberanos da Terra são ricos, poderosos, omnipotentes? Entretanto, bem algum d'alma possuem, e seus thesouros não bastam para saciar-lhes a cobiça: logo, são pauperimos. Dominados por todos os vícios, constituem tambem, e consequentemente, os escravos mais vis. Eu poderia, pelos mesmos processos, analysar os homens, um por um, classe por classe; basta-me, porém, o exemplo acima. Mas, que prova isso? objectar-me-heis. Tende paciência, e escutae-me. Si quando os comediantes estão no palco, alguém se lembrasse de arrancar-lhes o vestuario e a mascara, para mostral-os taes quaes são, não perturbaria o espectáculo, merecendo por esse simples facto ser vaiado como louco de pedras? Tudo seria completamente transtornado. Ver-se-hia então um homem em vez de uma mulher,—um velho impertinente substituido por um terno amante. O rei seria dama; e o proprio Zeus, um monstrengo qualquer. Tire-se a illusão, e não haverá theatro possivel; porque o theatro é o disfarce, o rebique, a mascarada. Dizei-me agora: o que é este mundo sinão uma colossal casa de espectaculos, onde cada qual representa seu papel do melhor modo que pôde, ou do peor modo que quer, sôb diferentes fórmãs, até que o empresario o mande bugiar? E emquanto não o despede, fal-o trocar muita vez de vestuario, passando não raro da régia purpura aos tristes farrapos do infimo captivo. No theatro, tudo é fantasia e disfarce; e nem se pôde imaginar a comedia de outro modo, e—menos ainda—exhibil-a.

7) Especie de estojos, grosseiramente trabalhados, onde se guardavam objectos preciosos. Alcibiades comparava a esses cofre-zinhos o philosopho Socrates, que, sob singelo exterior, occultava um talento crystallino.

Si um sabichão qualquer, cahindo repentinamente das nuvens, dissesse aos homens que o ente que elles adoram, como Supremo, nem mesmo é homem, porém o mais reles dos escravos, porque—á similhaça dos demais humanos—se deixa arrastar pelos appetites desordenados; si lhes dissesse que o filho, que lamenta a morte de seu pae, antes dever-se-hia regozijar por haver aquelle transitado da verdadeira morte á verdadeira vida; si lhes dissesse que este, ou aquelle sujeito, orgulhoso de seus empoeirados pergaminhos, não é realmente um fidalgo, porque renunciou á virtude, fonte de toda nobreza; si este sabio, insisto, assim apostrophasse á toda a humanidade, que mais mereceria sinão ser comparado ao tal louco de camisola acima mencionado? E assim como não ha mais varrida doudice, que a sabedoria fóra de proposito, assim tambem não ha tolice maior do que a excessiva prudencia. Não merece, certamente, o nome de ajuizado, aquelle que não se amolda aos costumes de seu tempo, ou procura caminhar adeante de si mesmo, querendo que o entremez não seja



entremez. Lembremo-nos, pelo menos, d'esta fórmula bacchica: *bebei ou embrulhae a trouxa*. Cumpre accommodar a sabedoria á condição, ao meio em que se vive, ter costumes do tempo; e ser doido com os demais, por natureza, indole ou comprazimento. Dir-me-hão que isso mesmo é que é loucura; de accôrdo, porém d'est'arte se representa a força da vida.

Grandes deuses! deverei insistir ou pontuar aqui? Mas, para que occultar tão palpitante verda-

de? Cumpre-me talvez começar por uma invocação ás musas do Heliconio 8). E por que não? Os poetas também as invocam, a pretexto de qualquer tolice... Vinde, pois, a mim, filhas dilectas de Jove, e inspira-me: quero provar aos mortaes que tão só sob meus auspícios conseguem elles essa proclamada sabedoria, geralmente reputada o palladio da felicidade. Todos são unanimes em dizer que as paixões geram-se na loucura; effectivamente, qual a distincção entre um doudo e um ajuizado? ou vice-versa? Eu vól-o digo. O louco deixa-se arrastar simplesmente pelas luzes da razão, enquanto que o sabio, ao contrário, não tem outra norma de vida sinão a paixão; eis o motivo pelo qual os estoicos alcançam alijar do sabio todas as perturbações do espirito, como outras tantas molestias; ao passo que as paixões servem de pharol aos que mais se dão pressa em entrar no porto da sabedoria. Os deveres da virtude servem de estímulo ao homem, para praticar o bem. Seneca, esse esturrado apathico, por exemplo, quer que o sabio seja isento de todas as paixões: sua moral, desnaturalizando o homem, converte-o n'uma especie de divindade, que nunca existio, nem hade existir; ou, mais claramente, transforma-o n'uma estatua inanimada e fria. Deixemos, porém, aos estoicos o fantasma de seu sabio imaginario; amem-no a seu modo, e bel-prazer, pois não terão rivaes, nem concurrentes; e vão viver com elle na decantada Republica de Platão, ou na região das cliimeras, ou mesmo—si quizerem—nos jardins de Tântalo 9).

Quem não enfrentaria, sem temôr, quem mesmo não consideraria medonho espectro, ou monstro, á que se deve fugir com assombro, um individuo qualquer endurecido e estranho aos grandes sentimentos da natureza, verdadeira estatua de pedra ou marmore; d'alma inaccesivel ao amôr, aos carinhos, á compaixão; a quem nada escapa; que enxerga tudo com olhos de Lynceu 10); mede tudo á risca; não perdôa a menor culpa; julga, e pensa, que só a elle compete exclusivamente ser opulento, poderoso e livre,—ser tudo, em summa; que não saúda a um amigo, porque o não tem; que ousa menoscar dos proprios deuses; e só vê, n'esta vida, motivos de indignação e desprêzo? Eis o modelo do sabio bem acabado e perfeito. Ouçamos, agora, a opinião de cada qual isoladamente, e lhe contemos, em remate, os votos para um suffragio universal.

Quem ha por ahi que almeje tê-lo por magistrado ou general? Qual a mulher que o aspire para marido? Qual o escravo que o queira por senhor? Quem a elle não preferiria um typinho qualquer apanhado a esmo, e sem escôlha, d'entre os doudos, mas que, por sua brandura e mansidão, fôsse bom

8) Isto é: do Parnaso.

9) Isto é: nos infernos. Para certificar-se da sciencia dos deuses, que haviam descido do Olympo a visitá-lo em domicilio, serviu-lhes por ceia os membros de seu filho Pelops, cortados em pedaços. Foi condemnado por Jupiter a ser, nos infernos, perpetua victima de fome e sede devoradoras, tendo aliás, ao pé de si, um rio, e toda a sorte de fructos, sem comtudo, lhes poder tocar.

10) Tinha a vista tão perspicaz que enxergava no fundo do mar e através das paredes.

para obedecer, e digno de dirigir a outros doudos, como elle? que soubesse agradar aos seus pares, que fôsse bom espôso, excellente amigo, commensal tratavel e alegre, e satisfeito com a sorte?

Mas, mudemos de conversação, que o vosso sabio começa a enjoar-me.

Collocae um sujeito qualquer nos espaços sem fim, para que lá exerça as funcções que os poetas fazem, ás vezes, preencher ao tal Papá Piter. Contempla lá de cima os males e as miserias da vida humana. Vêde o homem nascendo na immundicie, fatalmente expôsto ás eventualidades e incommodos da infancia, aos enormes trabalhos da mocidade, e rematando seus dias nas agonias da morte.



Segui-o na sua carreira; examinae bem as molestias que o atormentam; os perigos que o cercam; os desastres que o ameaçam; as amarguras—finalmente—que o misero encontra por toda parte!

Accrescentemos mesmo, a esta já extensa lista, os males que o proprio homem crea, e inventa, para flagello de seus semelhantes; taes como: a pobreza, a prisão, a infamia, os ultrajes, as torturas, as armadilhas, a traição, as injurias, as fraudes, as demandas, e por hi além, que interminavel seria consignar um a um. Não me cabe dizer-vos por que crimes os homens mereceram esta sorte, ou si effectivamente Deus, num accesso de raiva, condemnou-os a soffrer tantos e tão descontraçados males; mas, quem sobre elles meditar calmo e frio, convencer-se-ha facilmente de motivos existirem para desculpar as filhas de Mileto, bem que o seu exemplo a muitos

pareça deploravel 11). A mim, é que não. Não obstante, pergunto eu: quaes os que, desgostosos da vida, se suicidaram? Fôram precisamente aquelles que gozaram, em todos os tempos, da fama de varões prudentes, ajuizados, — de sabios, em summa. Ponde de parte os Diogenes, Catões, Brutos e Cassios, limitar-me-hei a citar-vos o exemplo de Chiron 12): estava-lhe nas mãos ser immortal, — recusou, porém, a offerta.



11) O tédio pela vida se apoderando das folgazas de Mileto, os suicidios se succederam espantosamente.

12) Chiron, centauro, filho de Saturno e de Philyra. Saturno, receioso de ser surprehendido por sua mulher Rhéa, se transformou em cavallo para ir ver Philyra, de quem houve Chiron, metade homem e metade cavallo. Este monstro habitava os montes, armado sempre de tenso arco; e se constituiu, pelo conhecimento dos simplicies, o maior medico do seu tempo. Ensinou esta arte a Esculapio, e a astronomia a Hercules, e foi o pedagogo de Achilles. Tendo sido ferido, n'um pé, por uma setta de Hercules, embebida no sangue da Hydra, produzia-lhe o ferimento dores tão agudas, que pedia constantemente a morte; mas, elle era immortal. Finalmente, tantas foram as instancias, que os deuses collocaram-no no espaço, entre os doze signos do Zodiaco, onde recebeu o chrisma de *Sagittario*.

### EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS

- 1<sup>a</sup>—Retrato de Erasmo, feito por Holbein e grav. por S. Grinicher.
- 2<sup>a</sup>—Movimentosa cidade á distancia. Encostada ao fuste da columna, Minerva, com todos seus divinos attributos; Momo apresenta-lhe o Septho da Loucura, sob a forma de atordoante titere.
- 3<sup>a</sup>—Varios e distinctissimos personagens se reúnem para assistir á arenga da Loucura. Entre elles, nota-se um sujeito com orelhas de burro. A Loucura, simulando certa gravidade, e tendo do pescoço á cabeça uma especie de capello, insignia de que se revestiam os doutores do tempo em certos actos e funcções academicas, discretea do alto de um pulpito, tribuna, ou que melhor

nome tenha. Ao lado d'ella, distingue-se um macaco que, sentado sobre o trazeiro, e de cauda alçada, parece ouvir muito attento todo aquelle desencadeado aranzel.

- 4<sup>a</sup>—A Loucura da infancia e da velhice é, n'esta gravura, figurada por quatro crias, duas das quaes armam castelinhos de cartas de jogar, a terceira cavalga um cabo de vassoura, e a quarta atira-se ao velho para retomar-lhe a ventoinha que elle sonega.
- 5<sup>a</sup>—A Loucura da intemperança. Ao fundo, um jardim florido; na frente, uma latada, onde tres convivas se brindam a pretexto de qualquer cousa, e o quarto já está debaixo da mesa.
- 6<sup>a</sup>—A Loucura das brigas e dos combates. A Loucura offerece um par de floretes a dous individuos, que, n'uma rusga de somenos, querem resolver a questão a murros e a ponta-pés; processo este, inquestionavelmente, muito natural e expedito, porém demasiado summario e ignobil.
- 7<sup>a</sup>—As Loucuras amorosas. A Loucura, sob o disfarce da mulher, distribue flechas a dous Amores. A seus pes, distinguem-se os espolios das principaes divindades: o raio de Jupiter, o tridente de Neptuno, o caduceu de Mercurio, a clava de Hercules, etc.
- 8<sup>a</sup>—A paixão pela caçada. A estampa representa uma montaria. A Loucura, á frente, dirige o manejo.
- 9<sup>a</sup>—A Loucura dos edificios. Um velho, apoiado ao bastão, discute com o seu architecto. Construcção de perfil, operarios em actividade.
- 10<sup>a</sup>—Os alchimistas. A estampa representa um laboratorio chimico. Defronte de uma enorme fornalha, distinguem-se dous individuos: um, armado de folle, parece absorvido ante um matras, ao passo que o outro móe várias drogas.
- 11<sup>a</sup>—A Loucura do fogo. Tres jogadores em torno da tábua. Defronte, uma mulher arranca das orelhas os seus ricos brincos, e vae para atiral-os n'uma cartada; a seu lado, um cabuloso morde os dedos de raiva; enquanto que um terceiro, excessivamente satisfeito e alegre, affaga uma pilha de moedas d'oiro.
- 12<sup>a</sup>—A Loucura da avareza.—Velho e sordido usurario, de oculos azues, pesa assustado seus thesouros.
- 13<sup>a</sup>—A Loucura das sciencias.—Bellissima paisagem de jardim alegre o assumpto. No primeiro plano, um Geometra parece distraído a traçar interminaveis linhas.

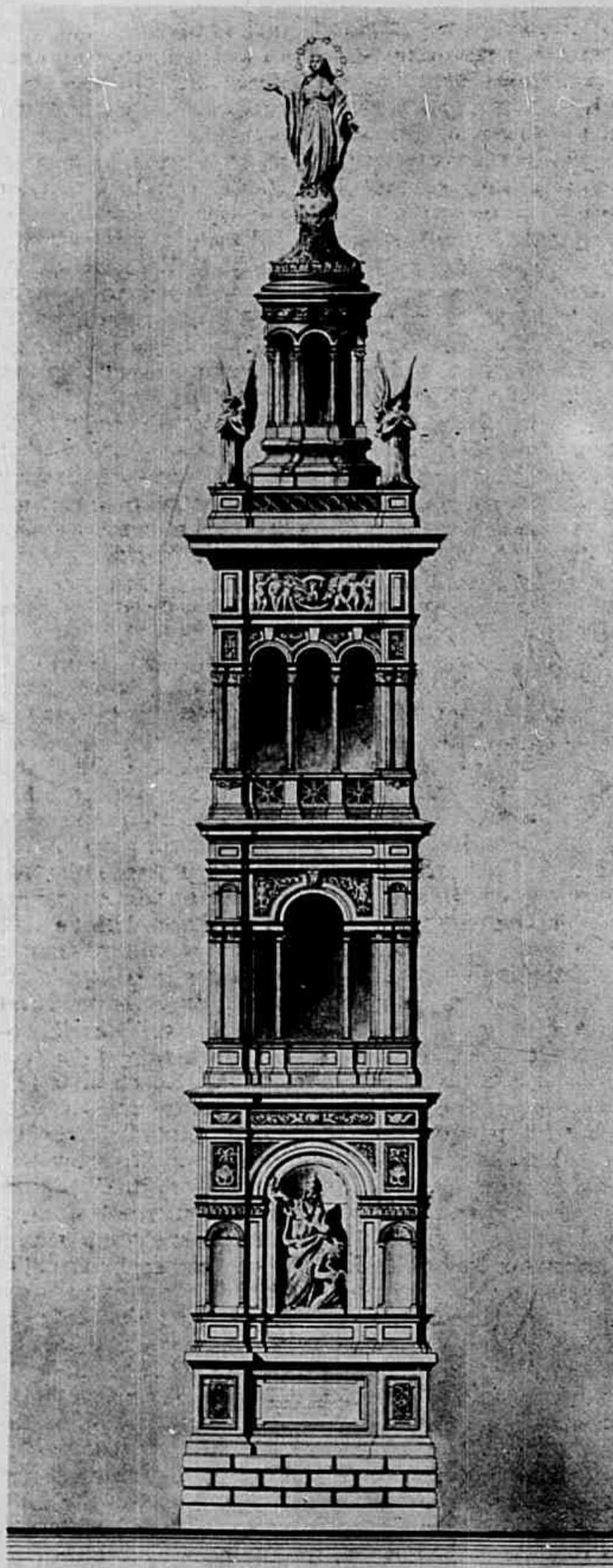
## A NOVA TORRE DA CATHEDRAL DO RIO DE JANEIRO

NO anno passado, especialmente memoravel para a Igreja Catholica por ser o anno jubilar da definição do dogma da Immaculada Conceição da Virgem, o Exmo. Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro mandou abrir um concurso publico para o projecto de uma nova torre da nossa Cathedral, querendo, ao mesmo tempo, providenciar sobre o decoro do nosso principal templo e commemorar com um monumento insigne a grande data ecclesiastica.

Nem podia ser melhor a lembrança do eximio prelado, porquanto uma torre campanaria, construida com elementos apropriados, é um monumento architectonico de origem e de caracter exclusivamente christãos.

Antecedentemente á nossa era, o uso dos sinos para fim religioso era desconhecido. As mais antigas torres sacras de que se conhece a existencia foram as do Vaticano, de Verona e de Ravenna.

Com o desenvolvimento da Religião Christã a architectura sacra, que no começo tinha-se modelado nos moldes dos edificios romanos, adquiriu fórmulas proprias e as torres campanarias tomaram sempre maior importancia na construcção das igrejas. Não eram só o lugar onde collocar os instrumentos bronzeos chamando os fieis ás sacras funcções; eram uma especie de insignias religiosas dominando as cidades; eram uma indicação ao Ceu, á patria celeste dos que creem; eram o ponto para onde, com intimo conforto, convergiam so



olhares dos bons e dos humildes, elevando o seu pensamento a Deus. Por isso, foi uma emulação entre as principaes cidades quem levantasse mais elegante e mais alta a sua torre e assim surgiram

as torres de Cremona, de Veneza, de Florença, de Strasburgo, de Vienna, de Colonia e tantas outras que constituem a admiração dos visitantes, testemunhando, melhor que qualquer historico, o sentimento religioso d'aquella época.

Com a volta da architectura ás fórmulas pagãs, nos seculos XVI e XVII, e especialmente quando surgiu e se desenvolveu o estylo barôcco, as torres campanarias perderam o seu caracter de mystica simplicidade, tomando aquellas fórmulas complicadas e carregadas de que não faltam exemplos.

Com admiravel sentimento artistico, a commissão das obras da Cathedral, presidida pelo illustrado engenheiro dr. Vieira Souto, quiz que a nova torre fosse isolada, isto é, um monumento separado do templo, conformando-se n'isso com os melhores exemplos das cathedraes italianas.

Sobre um embasamento quadrado e massivo de dez metros de lado, levanta-se o primeiro corpo do edificio ornamentado com pilastras de ordem doricca. Uma das quatro faces d'este corpo, a que faz frente para a rua 1.º de Março, em cujo alinhamento vae ser construida a torre, contém um nicho no qual será collocada a estatua do Summo Pontifice Pio IX, no acto de proclamar ao mundo catholico a definição do dogma da Immaculada Conceição.

Um segundo corpo superior, com pilastras de ordem jonica, tem uma arcada serliana, cujo pavimento é servido por uma escadaria interna, afim de poder d'alli o venerado Pastor da Archidiochese abençoar o seu povo.

Segue-se um terceiro corpo com pilastras corinthias e tres arcos sobre columnas, motivo que se encontra em muitas das melhores torres antigas; no frizo d'este corpo quatro grandes alto-relevos terão no centro os emblemas dos Evangelistas.

Acima do entablamento principal ha, uma balustrada com quatro pilastras nos cantos, sustentando as estatuas de quatro anjos, e no centro levanta-se um alto embasamento octagonal encimado pela estatua da Virgem Immaculada, de cinco metros de altura.

O conjunto do monumento medirá, do nivel da rua á extremidade superior da estatua, mais de sessenta metros, isto é, o dobro das duas torres da vizinha igreja de Nossa Senhora do Carmo. A estatua da Virgem será por tal modo vista, não só de quasi todos os pontos da cidade, como tambem de longe no mar, formando assim o pharol religioso da Capital Brazileira.

Já no mez de Julho d'este anno foram iniciados os trabalhos de demolição da antiga torre, com toda a prudencia necessaria para não prejudicar os edificios aos quaes está encostada. Logo que terminar a demolição serão construidos os alicerces que terão de sustentar o mais alto edificio da nossa cidade e que por tanto hão de exigir o mais escrupoloso cuidado.

O projecto da nova torre é do architecto dr. Rebecchi, ao qual a commissão das obras da Cathedral confiou tambem a execução dos trabalhos, sob a fiscalisação da commissão de obras, presidida por S. Ex. Revma. o Sr. Arcebispo.

## A descoberta da America

Si, comme il est vraisemblable, que quelques siècles auparavant, de hardis pirates scandinaves avaient réellement visité le nord de l'Amérique, ces courses stériles ne font que mieux ressortir combien il est certain que rien d'essentiel, ne put être fortuit dans l'issue favorable de la mémorable opération de Colomb; en vérifiant plus nettement que sa valeur sociale devait surtout, tenir à son intime solidarité avec l'ensemble de la civilisation contemporaine, qui, pendant le cours presque entier du quinzième siècle, avait déjà spécialement préparé ce grand résultat définitif, par des essais toujours croissants d'heureuse navigation atlantique, graduellement suivis d'utiles établissements européens.

AUGUSTE COMTE.—*Système de Philosophie Positive*, t. VI, pag. 119-120.

**S**EGUNDO as investigações historicas mais recentes, os primeiros descobridores da America foram monjes budhistas do seculo V antes da era catholica.

E' um desses missionarios, o Padre Hui-Shan, quem descreve a viagem dos seus collegas a terras americanas.

Partindo de Cabul em 458, quando na China reinava Ta-Ming, na época em que o Budhismo tendia a propagar-se acceleradamente, os sacerdotes de Cakya-Muni tomaram a direcção das ilhas Aleutes e chegaram ao territorio de Alaska, descobrindo o Novo-Mundo. O Mexico, o Yucatan e a America Central receberam todos a influencia dos apóstolos de Christna, o Christo da India.

A narrativa de Hui-Shan, que voltou da America a China em 499, consta dos archivos imperiaes da dynastia de Liang e é referida pelo celebre historiador chinês Ma-Tuan-Len. (1)

Quinze seculos depois, cerca do anno 1000 da era catholica, os normandos, dirigidos por Leif Erickson, descobrem a Groenlandia.

Como toda a costa occidental da America do Norte fôra conhecida pelos chinezes, parte da costa oriental o fôra tambem pelos escandinavos. A Terra do Lavrador, a Nova Escossia, o littoral dos Estados-Unidos, comprehendido entre as cidades modernas de Boston e New-York, foram explorados e até colonizados pelos navegadores do Norte. (2)

Assim, é um facto positivo que a America foi conhecida pelos asiaticos e europeus muito antes de Colombo tel-a contemplado, na madrugada celebre de 12 de Outubro de 1492.

Entretanto os missionarios do Oriente, representados por Hui-Shan e os aventureiros do Occidente, cujo principal typo é o normando Leif Erickson, não concorreram com os seus descobrimentos para a evolução decisiva da Humanidade.

Si as missões budhistas convergiram, talvez, á criação dos dous famosos imperios do Mexico e

do Perú, o dos Aztecas e o dos Incas, estas nações foram barbaramente eliminadas pelos conquistadores hespanhóes, que não lhes souberam respeitar a primitiva civilização, incorporando-as ao movimento progressivo do Occidente.

As expedições normandas, si foram uteis exercicios nauticos, valeram menos como obra colonizadora. Embora os successores de Leif Erickson conseguissem fundar uma colonia, que durou perto de dous seculos, nada produziram que modificasse realmente o curso normal do movimento occidental.

Em ambos os casos, a America ficou historicamente desconhecida. No ponto de vista sociologico a descoberta do Novo Continente não é um feito de chinezes ou normandos.

Na apreciação scientifica de tal acontecimento e na de todos os factos historicos, como na dos attributos physicos, nenhuma theoria real se pôde construir sem o emprego judicioso e indispensavel da abstracção; por isso toda verdadeira sciencia é uma sciencia abstracta. A sociologia não escapa a infallivel regra.

Quando estudamos os phenomenos cosmicos elles se nos apresentam desordenados e confusos; só depois que abandonamos um certo numero de circunstancias concomitantes é que podemos descobrir, no meio da variedade confusa dos factos a immutabilidade serena das leis.

Assim, um phenomeno muito simples—a quêda dos corpos—não seria susceptivel de uma explicação scientifica ou esta se tornaria extremamente difficil, si fizéssemos concorrer ao exame da questão a natureza do projectil, a resistencia do meio ambiente, a força propulsora e outros coefficients concretos, que são abstrahidos para formular-se a relação simples entre o espaço e o tempo.

A' medida que os phenomenos são mais complicados augmenta o numero dos coefficients a abandonar; a abstracção torna-se mais sensivel. Dahi um maior contraste entre a theoria abstracta e o facto concreto; dahi uma difficuldade crescente em modificar phenomenos, regulados por leis que se constróem abandonando, por impossivel de serem consideradas, multiplas circunstancias coexistentes.

Os phenomenos historicos estão neste caso. Suas leis, como as de quaesquer outros, só se pôdem formular abstrahindo; mas, sendo extremamente complicados, a abstracção nelles opera modificações tão sensiveis que muitos espiritos, alheios á verdadeira cultura scientifica, negam-lhes capacidade para figurarem entre os attributos legislados pela sciencia positiva.

No emtanto, as leis da historia são tão certas como as da astronomia; a unica differença está no gráo de precisão, variavel directa e inversamente á generalidade e complicação dos phenomenos correspondentes. Quem sabe que toda lei scientifica não exprime a realidade absoluta mas uma simples aproximação do real; quem apprende na mais precisa das sciencias a theoria dos erros, as operações approximadas; quem afinal só decide em sociologia sabendo arithmetica, não tem duvidas em admitir, persuadido e convencido, as leis positivas da historia.

(1) DR. LATOUCHE TRÉVILLE.—*Les vrais découvreurs de l'Amérique*, in *La Revue*, de Paris, n. 1, 1<sup>er</sup> Janvier 1904.

(2) ALEXANDRE DE HUMBOLDT.—*Kosmos*, 1, II, 2<sup>eme</sup> partie, ch. VI.

E' diante dessas leis que a descoberta da America figura como a obra immorttal de Christovão Colombo.

No sentido scientifico uma descoberta consiste na revelação social do invento. Só quando se incorpora á grande orbita dos destinos humanos, como producto do passado e gerador do futuro é que pode ser philosophicamente apreciado, abstrahindo das circumstancias minimas, que se não podem considerar na formação da theoria historica correspondente.

Eis porque a imprensa é a descoberta de Guttemberg, apesar dos trabalhos chinezes de Pisching no seculo XI da nossa éra e de Janssen Koster em Harlem, na mesma epoca do primeiro inventor; a descoberta da India cabe a Vasco da Gama em 1498, apesar do periplo africano, realizado por uma frota phenicia em 604 antes da éra catholica; a invenção da bussola a Flavio Gioia ou aos Arabes, embora tal instrumento fosse conhecido pelos chinezes vinte seculos antes; a descoberta da America, emfim, a Christovão Colombo, não obstante os descobrimentos anteriores de Hui-Shan e Leif Erickson.

Estes são apenas tentativas precursoras da façanha gloriosa do almirante genovez. Temos que abstrahir delles quando nos referimos á revelação historica do prodigioso invento. A descoberta de Colombo se liga á situação social da época; é preparada e seguida por factos que a explicam e justificam.

O seculo XV encerrava a primeira phase de decomposição da sociedade medieva. O regimen theologico e militar tendia a transformar-se em scientifico e industrial.

A sciencia grega, coordenada e accrescida pelos cientistas arabes, espalhava-se pelo Occidente desde o fim da idade-média, divulgando noções positivas de mathematica e astronomia, e até de physica e chimica. E' o *Opus majus* de Rogerio Bacon que dá o alarma da revolução scientifica no fim do seculo XIII; é esta obra, atravez de um livro de Pedro d'Ailly, o *Imago Mundi*, publicado em 1410 que revela a Colombo os ensinios de Aristoteles, Platão e Seneca sobre a proximidade das Indias além das columnas de Hercules, a existencia da Atlantida, e os conhecimentos decisivos sobre a figura da Terra, esboçados por Thales e Pythagoras e proficientemente tratados por Eratosthenes e toda a escola de Alexandria.

Com o desenvolvimento scientifico segue paralelo o progresso industrial. Bacon descobre a polvora; Flavio Gioia aperfeiçoa a bussola e Guttemberg revela a imprensa.

Em todo o Occidente agita-se um movimento enorme de renovação scientifico-industrial ao lado da dissolução, cada vez mais accentuada, do theologismo e da guerra. O Feudalismo e o Catholicismo, as duas instituições capitaes da idade-média, os dous poderes temporal e espiritual dessa memoravel época, são abalados em seus fundamentos pela formação das dictaduras reaes e das igrejas nacionaes.

Então os reis têm bastante cubiça para sustentarem aventuras longinquas, augmentando o seu poder, e os padres anceiam por novas terras onde propaguem a fé que na Europa decáe.

Pelo uso da bussola aperfeiçoada, a navegação toma prodigioso incremento.

Abandonam-se as viagens costeiras dos antigos marujos e começa a éra das expedições em mar alto. Aos Venezianos e Genovezes que dominavam o Mediterraneo, o Mar Vermelho e o Golfo Persico, juntam-se os Portuguezes, educados na escola de Sagres. A costa occidental da Africa é successivamente descoberta, ao mesmo tempo que aventureiros ousados navegam para Oeste em busca da sonhada Atlantida.

E' então que apparece a figura extraordinaria de Christovão Colombo.

Acostumado desde a infancia a viagens longinquas, chegando mesmo até a Islandia, que os normandos conheciam desde o seculo IX, educado nos conhecimentos nauticos da época, sabendo da existencia tradicional de novas terras situadas ao Occidente da Europa e cheio de um grande fervor pela fé catholica, o ousado navegante preparou-se para realizar o ideal sonhado pelos seus predecesores—a descoberta de um novo mundo, que elle confundia com a China e o Japão, as terras de Kathayo e Cypango, de Marco Polo.

Emquanto todos os viajantes, salvo os maritimos de Sagres, eram até então simples aventureiros que buscavam ao acaso novas terras, Colombo surgia como um genio da sciencia e da industria, illuminado pelo entusiasmo religioso.

Era para estender a fé catholica a novas e longinquas regiões que queria descobri-las, não por acaso, em peregrinações aventureiras, mas escudado na sciencia, que lhe ensinára a esphericidade do Planeta, a sua configuração, a existencia de novas terras, e na industria nautica, a que se entregava com exito desde a juventude, e de que era mestre incomparavel.

Infelizmente os projectos do intrepido navegador foram rejeitados, durante muitos annos, de côrte em côrte, de academia em academia, até serem acolhidos pelo coração magnanimo de Isabel de Castella.

Emquanto as camarilhas scientificas, mediocres e invejosas, se insurgiam, como sempre, contra os projectos grandiosos do genio, uma mulher, que só tinha para esclarecel-a a logica dos sentimentos generosos e a sua inabalavel Fé, invocada tambem pelo grande marinheiro, acceita-lhe as proposições, sacrifica os seus adornos de mulher e de rainha, vende as joias que possúe, e concorre nobre e desinteressadamente para transformar em realidade o sonho dourado de Christovão Colombo. E' a essa divina mulher, na phrase de um apostolo positivista, que a Posteridade applicará melhor do que á judia excepcional, a saudação do ritual catholico: *Ave, maris stella!* Salve, estrella do mar!...

Em 3 de Agosto de 1492 sae Colombo de Palos, na Andaluzia, com tres caravellas, *Santa Maria*, *Pinta* e *Niña*, buscando a Atlantida, as Indias Occidentaes, a America emfim.

Nestes barcos fragilimos, em que nenhum de nós ousaria atravessar hoje um mar sereno, vai o marujo intemerato afrontar corajosamente oceanos desconhecidos, ventos tempestuosos, novos climas, novas gentes.

Quantos soffrimentos nessa incomparavel odysséa!  
As ultimas paragens do antigo mundo desaparecem; um novo céu e um novo mar envolvem as caravellas exiguas; a procella desencadeia-se furiosa ameaçando sossóbrar a frota; a maruja revolta-se aterrorizada e injuria o intrepido navegador; conspira contra elle; quer assassinal-o, lançando-o ao mar; ninguem o ampara, ninguem o anima; o desespero e o desanimo vencem a todos; está só, em meio do oceano ignoto, a lutar sereno e forte contra as ondas e os homens revoltos. Ordena, aconselha, pede que a marinhagem o attenda, que não desanime ou desespere, que dentro de tres dias terminariam as fadigas da epica viagem; breve a Atlantida surgiria no meio das aguas...

E em tres dias, ás duas horas da madrugada de 12 de Outubro de 1492 o gageiro da *Pinta*, João Rodrigues Bermejo, soltava o grito anciosamente esperado: *Terra!*

Colombo, no castello de prôa da sua caravella, saboreava as primicias da vista abençoada que dias antes presentira nas aves e hervas marinhas, nas madeiras boiando sobre as vagas e signaes outros que lhe indicavam enfim a terra desejada.

Ao brado restaurador dos animos abatidos, menos do de Colombo que não desanimára nunca, a marinhagem, antes revoltada e agora penitente, lança-se aos pés do intemerato chefe e aos apodos e maldições succedem os elogios e as benções.

Colombo triumphava do mar e dos homens. Ambas as tempestades haviam amainado; e sereno e magestoso elle pairava sobre uns e outros como o verdadeiro e o unico triumphador.

Estava resolvido um grande problema. A Terra se revelava então em toda a sua plenitude. Restava agora estender por toda a parte da região descoberta a grande familia humana por meio daquella que lhe representa a porção mais adiantada: a familia occidental.

Foi o que fizeram durante tres seculos os hespanhões, os portuguezes, os inglezes e outros povos europeus.

Desgraçadamente uma cruel fatalidade não permittio que se dêsse uma incorporação normal dos aborigenes aos varios nucleos do Occidente. A escravidão e a caça dos indigenas foram o odioso systema empregado pelos colonisadores.

Da descoberta de Colombo decorrem a do novo caminho para a India por Vasco da Gama e a viagem em roda do mundo por Fernando Magalhães.

Colombo resume assim as grandes descobertas maritimas que assignalam o conhecimento total do Planeta.

Permittindo o prolongamento da civilização occidental a novas nações, elle foi um dos mais estrenuos precursores do futuro normal da Humanidade, caracterisado por uma só familia religiosa, por uma só civilização, abrangendo todos os povos da terra.

Foi essa unidade religiosa que o grande descobridor sonhou com a sua audaciosa empreza e atravez das idéas catholicas.

No seu tempo não podia elle imaginar consciencientemente a fraternidade universal pela sciencia, mas imaginava-a realisavel pela theologia catholica.

Era pela Religião que pugnava descobrindo a America e não por simples vantagens materiaes, de que aliás sensatamente se não descuidou.

E' o que se depreheende da sua correspondencia.

«Assim, pois, escreve o assombroso nauta, nosso Redemptor deu victoria a nossos Illustrissimos Rei e Rainha e a seus Reinos famosos por tão alta causa, pelo que *toda a christandade* deve alegrarse e fazer grandes festas, e dar graças solemnes á Santa Trindade com muitas orações solemnes (sic) por tanta exaltação que hão de ter, *convertendo-se tantos povos á nossa Santa Fé* e depois pelos bens temporaes que não sómente a Hespanha mas todos os christãos terão aqui descanso e lucro...» (3)

Como succede com a maior parte dos grandes typos da Humanidade, Christovão Colombo foi alvo de todas as perseguições que a mediocridade invejosa move sempre contra as almas selectas.

Calumniado como defraudador das riquezas do mundo que descobrira; preso, carregado de ferros, livre em seguida para ser de novo encarcerado e liberto ainda uma vez, o glorioso descobridor do Novo Mundo passou pelas mais crueis vicissitudes, reunindo aos laureis da gloria as palmas do martyrio.

No emtanto, o governo hespanhol, logo depois da sua morte, reconheceu tardiamente as suas injustiças para com o homem excepcional e lhe mandou gravar na lapide que cobria o tumulo do navegante audaz, o distico celebre:

*Por Castilla e por Leon  
Nuevo Mundo halló Colón.*

Passaram-se os annos e os seculos, e o nome do revelador historico do Novo Continente, da Colombia, como devera ser chamado e já por outrem foi lembrado, vive immortal não só por ter dado a Castella e a Leão um novo mundo, mas porque o deu á Humanidade inteira, aspirando á unidade universal dos homens pela unificação total das terras.

A festa brasileira de 12 de Outubro é a comemoração do heroico feito no sentido da parte que ao nosso paiz cabe na realização desse futuro remoto.

O Brazil é o Portugal americano. E' uma porção da familia ibérica, da familia greco-latina que veio habitar terras colombianas. A unidade moral desses povos corresponde á unificação physica dos territorios, cada vez mais ligados pelas rapidas communicações que a industria inventa, supprimindo as distancias.

Ainda mais, o 12 de Outubro congraça os filhos do mesmo continente embora de origens ethnicas diversas. E' assim que os inglezes da America do Norte podem festejar connosco e com os outros povos latinos da America o acontecimento memoravel que aquella data commemora.

Emfim, o 12 de Outubro recorda a todos os americanos o prolongamento da civilização occidental a um novo mundo, mantendo neste a fraternidade dos povos que se agrupam do outro lado do Atlantico.

E' uma grande data não só do Brazil e da America, mas do Occidente e da Terra.

Rio, Outubro de 1905.

REIS CARVALHO.

(3) CRISTOBAL COLON.—*Carta*, enviada de Lisboa a Barcelona, em Março de 1493, ed. de Paris, 1870.

## EXPOSIÇÃO TEIXEIRA LOPES

No Gabinete Portuguez de Leitura



INTERESSE mercantil de um homem de bom gosto — e louvável interesse! — levou-o a organizar, como pôde e a possibilidade lhe consentiu, uma exposição d'alguns trabalhos em original e reduções em gesso e bronze do Sr. Teixeira Lopes, o glorioso artista portuguez que, em nosso tempo, augmenta de brilho o valor esthetico do velho povo lusitano.

Por menos que o Sr. Bernardino Lobo, organisador da exposição, pensasse no resultado moral dessa tentativa, o seu sentimento patriótico deveria

esperar desvanecimentos agradabilissimos attendido o merito incontestavel do artista, do qual contamos os primores, ainda não bem estudados, que revestem os portões da frontaria da Candelaria; mas, com isso, nunca lhe occorreria a idéa de que vinha prestar serviço d'alta valia ao nosso estheticismo ronceiro, pondo-nos em contacto com uma obra onde o esmero do relevo não distróe a espiritualidade da sua origem nem della se differencia com vantagem supplantadora.

Infelizmente, motivos plausiveis impedem que essa exposição exceda do valor contido, trazendo-nos a grandiosidade creadora do monumentalista rével na massa empolgante e fremente da sua obra de largo tracejo.

Não obstante o lamentavel de tamanha impossibilidade, a obra allí reunida é um documento de arte, em que se sente relampejar o genio na modelagem febril ou cariciosa dos typos arrancados á materia bruta, aos golpes de pollegar e raspões d'esboçadores, num jôrro horebeano de vida impercível, qual sóem ter os entes maravilhosos creados pelo deus-homem, eternamente vivos sobre a ondulação viajeira dos seculos.

E basta olhar, de relance, essa obra, para sentil-a poderosa e inteiriça na sua dualidade de trabalho esculptural e no seu expressivismo de arte.

De caso pensado estabeleço o desquite das componentes intrinsecas da obra, porque o principio de que num trabalho d'arte — fórma e idéa se confundem — é cousa de complicada discussão para os bugres de *cartóla* que formam a maioria sabichona do nosso endruxulo meio intellectual. E vae de vêr que, já por tanto, se coça com o pruido de me sahir á frente um cucumby tregeiteiro, com o cocar farcista da grammatica e o maracá chocalante da sabença, a zurrar parvoicadas hostis com intento de se mostrar erudito... e *profundo*. Esse — profundo — é a mania delles.

Desunidas as componentes e postas em estimativa á parte, comprehende-se que a obra do Sr. Teixeira Lopes é trazida ao vivo por admiraveis decalcos de pollegar, duma certeza rara pelo que resume de maciez e meiguice, e raspagens violentas, a arremessos nervosos, dos esboçadores impulsivados pela indicação do seu aparelho optico rigorosamente educado no equilibrio da eurythmia.

E' desta equivalencia de feitura que resulta a feição altamente decorativa da sua obra, e não do assumpto, porque esse depende, visivelmente, de influencias intellectuaes. A característica decorativa, que se lhe inculca, não desmerece como talvez queiram-na disvirtuar, a severidade do trabalho.

A esculptura é, por excellencia, uma arte decorativa, symbolica e mythica. Se lhe faltam esses caracteristicos falseia na sua função. O que se lhe pôde exigir, na rizeza preconceituosa da gravidade, é que ella se não declive para o arrebique ou a chinezaria, do que procede o apoucamento do seu valor como producto cerebral.

Ora, a obra do Sr. Teixeira Lopes, 'inda que fixada no retrato ou nos motivos de bustos, se evi-

do espaço turvado pelos soluços. E' o *nunca mais* horrivel da vida, esse ponto final da existencia que parece cair das alturas como um borrão negro sobre a terra, e tomba sem estalar, sem espadanar-se, deixando no seu alvo o nada, porque o olhar nada vê nem encontra nada...

O Sr. Teixeira Lopes retém as emoções como se as gravasse; poder-se-ia dizer que a sua espiritualidade se dessóra pelos póros da mão trabalhadora e se transmite ao barro e á pedra, revestindo o contorno da mascara humana.

E se quereis, meus senhores, attender ao busto do amado Eça de Queiroz, o mesmo que serviu, assim creio, para a bellissima esculptura monumental do jardim d'Alcantara, em Lisboa, ahí vereis como a sua phisionomia vive na expressão, como o artista do cinzel entendeu o artista da palavra escripta e lhe deu o «modo de ser» eterno no marmore.



CABEÇA DE CRIANÇA



CARIDADE

Vêde como a ironia fina e risonha da sua bocca, arregaçada pel'alfinetada do scepticismo moderno, crystalisa a minucia typica e recorda, admiravelmente, a elegancia diabolica do alegre philosopho mundano. Vêde como esse olhar analysa sorrindo e sorrindo caustica, e como n'orbita direita, a que falta o disco de vidro costumario (pois fazel-o seria ridiculo) ha o vinco dum habito, como nos deixando perceber o monoculo casquilho do petulante inquiridor da alma alheia! E a cabeça, que admiramos, é um retrato, exactamente um retrato, porque sobre o preciso delineio physico transparece a espiritualidade que o animou.

E notae ainda neste baixo relevo de velha mulher a vida que o illumina, a verdade do seu sorriso, o chammejar turvo dos seus olhos!...



DECRIPITUDE

A parte emotiva da obra do Sr. Teixeira Lopes advem da idiosyncrasia que o modela individualmente e o destaca em alto relevo da mediocridade contemporânea dos habilidosos.



CAIM

Alem disso, a sua obra surge dos esboçadores ou do escopro embebida do subjectivismo da nacionalidade em que se fez. Nella está a dôr portugueza, dôr que se não confunde com a de outros povos, dôr é que gemida em versos e se exteriorisa pela contemplatividade, e que ha seculos ficou n'alma lusitana com a nostalgia do offuscante passado aventureiro.

Esse bello baixo relevo da *Decripitude*, a serena e dulcissima *Caridade* são productos dum atavismo ethnico, a que se não podia esquivar o artista, vindo duma corrente directa portugueza, filho de pae artista elle proprio homem de habitos concentrados, afeito ao recolhimento da officina e á meditação do estudo. E é por isso que nesse mesmo *Caim*, obra dos primeiros tempos mas corrigida depois, o remorso que o morder tem alguma cousa de melancolico. É, apesar da attitude contorcida, bossuda, desesperada, do seu corpo; da tragica fixação do seu olhar, do martyrio concentrado na sua mascara, essa melancolia transluz da sua expressão e permanece visivel como um evocado espectro da *saudade*.

E' isso o que sinto nesta exposição e que mais deve se accentuar na sua grande obra, onde a febre do trabalho deixou a marca indelevel da sua tortura e pôz, para todo o sempre, o fulgor do seu pensamento.

Outubro de 1905.

GONZAGA DUQUE.

# OPINIÕES

EM artigo lido algures sobre a decadencia da energia humana entre os povos selvagens, appareceu uma phrase que, como idéa associada, se presta a um raciocinio demorado.

Diz o autor que a cobardia de opinião nos povos civilizados, está na razão directa da decadencia da energia dos que se conservam em estado selvagem.

A expressão—cobardia de opinião—é um tanto singular; deixando porém, de lado a verdadeira interpretação que o autor do escripto tem em mente, pensemos um pouco sobre a especie e valor da opinião de um povo que vê os seus habitos e os seus costumes em decadencia successiva, produzida por exigencias especiaes.

As opiniões, sabem todos, são infinitas e contradictorias. E, como disse Montaigne, o prazer do bem e do mal depende geralmente da opinião que nutrimos desses dois sentimentos.

Por aqui se obtem a conclusão que nada mais absurdo pôde apparecer em innumerados casos, do que a opinião que antes de gozar de vida propria se prepara de vestes adequadas á grandeza do sentimento do bem e do mal.

A cobardia de opinião de que nos falla o escriptor a que alludimos, bem se pôde classificar em tantas especies quantas forem as occasiões em que somos forçados a guardar neutralidade sobre qualquer facto.

A franqueza de opinião é, com effeito, um dos caracteristicos que devem recommendar o espirito humano ao acolhimento da boa sociedade. Essa franqueza porém, tem limites; essa liberdade não pôde ir além da fronteira onde começa a inconveniência de acção.

A cobardia de opinião nada mais é do que o receio que sentimos em externar o que pensamos se pezarmos o receio de prejuizo da dignidade alheia.

A sociedade vive em constante luta, arregimentando duas agremiações de opiniões que se batem com o intuito de uma só se assenhorear do campo de batalha. Essa luta interminavel, esse jogo de interesses pessoaes quanto mais se avoluma mais

faz crescer as paixões, os odios, as contrariedades que se agrupam de cada lado dos combatentes.

Imaginemos um paiz onde o despotismo tenha plantado raizes, onde o principio autoritario e absoluto seja a decisão final de toda e qualquer medida. Ahi imperará a cobardia de opinião, visto que esta ha de estar sempre de accordo com aquella do governo que ordena para ser obedecido, sem cogitar se pratica infamias, se concorre para calamidades. A opinião ahi se torna cobarde mas o producto dessa cobardia é mil vezes peor do que se não existisse porque os odios se congregam, se abafam e o rancor se alastra de peito a peito por não poder contrariar a opinião autoritaria de quem governa para ser obedecido.

Em politica a opinião não é mais do que uma arma que dispára conforme a especie de tiro que se quer dar. Neste particular a qualidade do alvo é o regulador.

A opposição de hontem é o pensamento de amanhã, sempre apparecendo com o facho luminoso da—*liberdade de criterio*—que vai abrindo caminho que se fecha para outrem que pretendeu abril-o.

Será por isso que os povos nenhuma importancia ligam ás opiniões politicas que, se não apresentam o sentimento da cobardia, trazem consigo uma especie de irresponsabilidade porque já a conhecem como sendo essencialmente systematica?

Que a opinião publica vive sob a oppressão de *mandões* e de interesseiros não ha duvida. Que ella traz consigo um numeroso cortejo de elementos contrarios á marcha natural da sociabilidade e á formação do character é incontestavel, mas para que ella possa ter essa especie de vida basta repetir as palavras de Ariène de Chatenay que diz:

—«Se a opinião publica não é um mytho, pelo menos não tem o valor da consciencia e da razão e nem pôde servir de pedra de toque para o afeimento da verdade e, grande parte das vezes, da moralidade do acto.»

Portanto, em questões de opinião, quer de uma quer de outra especie, a cobardia que sobre ella vai se estabelecendo tem a sua origem provavel na decadencia dos habitos sociaes que produz esse receio de sincera externação de pensamento e oxalá não cheguem os povos ao extremo de possuir uma bandeira cuja divisa seja: «Crê ou Morre».—

## Amores de Paralyticos

Quem ama com esperança ama metade.  
PARISTES — Eug. de Castro.

Ambos elles tão jovens, tendo a mesma idade,  
Dois soluços brotados do Destino eterno.  
Elle é triste e magoado como velha saudade,  
Ella é branca e glacial como um luar de inverno.

Amam-se pelo olhar — dolorosos luars  
Que derramam nas almas luzes amorosa,  
Mansos lagos de amores onde nenuphars  
Risonhamente boiam: illusões formosas...

Paralytico — immovel como um monolitho,  
Adora a paralytica — amorosa flor.  
Duas flores risonhas feitas de granito  
Exhalando um mysterio: O perfume do amor!

Um é a sombra do outro: tristes paralyticos,  
Duas almas tão presas sem poderem voar!  
Duas flores vivendo em pantanos mephiticos,  
Duas longas cisternas e ao fundo um luar!

Os labios fremem doudos... mas o beijo fica,  
As almas querem voar unidas pelo amor...  
Mas, a molestia aos corpos brancos petrifica,  
Lhes sorri o Prazer fantasiado de Dor!

E os tristes aleijados, mysteriosamente  
Amam-se, e os corações, magoados, doloridos,  
São pendulas que batem silenciosamente  
Em dois corpos de marmor, brancos, resequidos.

Os ais, tristezas, dores, sensações, desejos,  
Cruzam-se pelos echos, morrem nos espaços,  
Só não se abraçam seus apaixonados beijos,  
Só não se beijam seus amortecidos braços.

Crescem, vivendo juntos, vivem de chorar,  
Soluçam tristemente as dores de viver  
Cada dia que passa é maior o penar,  
Desejam soluçando esse amor esquecer!

Deus creou-lhes no peito o innocente amor  
E Satan lhes cavou um abysmo profundo.  
Nessa triste paixão vê-se gravada a dor  
Que serve de equilibrio ás miserias do mundo.

Suas almas são dois mysteriosos mythos,  
Dois tumulos, seus corpos, forrados de neve,  
Emquanto tem na Morte os seus olhos fitos  
A Morte lhes segreda: cazar-se-ão em breve...»

E cazar-se-ão um dia enlutados de tedio,  
Os sinos dobrarão esse triste noivado...  
Seus corações irão habitar n'uma flôr  
Ou nos astros farão seu palacio encantado!

ANTONIO AUSTREGESILO.

(Do livro *Pó*)

## BRIGA DE GRAMMATICOS

CARNEIRO VERSUS RUY BARBOSA

I

NÃO cessou ainda, e sabem os deuses quando cessará, a briga dos grammaticos e philologos (?) em torno á redacção do nosso muito futuro *Codigo Civil*. A' *Réplica*, em 214 paginas, de duas columnas, em folha, do Sr. Ruy Barbosa, responde agora num grosso volume, in 4º grande, de 891 paginas, o Sr. Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, o primeiro revisor, por incumbencia official, da primitiva redacção do Projecto daquelle Codigo, lente jubilado do Gymnasio da Bahia e antigo professor de portuguez do Sr. Ruy Barbosa.

Estas discussões entre grammaticos são uma das cousas mais divertidas deste mundo, e se devem recommendar como um excellente recreio aos que, hypocondriacos ou melancolicos, têm tempo para perder nellas. São infinitamente mais alegres do que as brigas de gallos e quejandos desportos, como diria um archaista da polpa do Sr. Ruy Barbosa. Os grammaticos, e todos os que contendem por motivo de linguagem, são de natureza gente irritadiça, insoffrida e azeda. Mas como é tambem de sua natureza se picarem de o não ser, ou, ao menos, de o não parecer, e como o titulo de philologos, a que armam, lhes impõe maior composura que o desacreditado apellido de grammaticos, dão-se a tratos para esconder o seu genio irracivel e a mácriação inherente ao officio, e desta lucta entre o temperamento a este proprio e o seu bom renome de cavalheiros, resulta a mais divertida das situações. E' de ver como se chamam mutuamente, um ao outro, de sabios, de illustres, de mestres, de eminentes, de quanta cousa ha de elogioso e grande e do mesmo passo se atassalham, se remordem, se insultam, se ridicularizam, trocam chufas e doestos, remoques e gaiatices, mas tudo numa lingua cuidadosamente trabalhada, tirada a sustancia, esquadrihada nos velhos autores que só nestas occasiões servem, uma lingua que não lhes é natural, que não é a que falam e escrevem todos os dias, mas rebuscada como uma antiga alfaia de casa, em dia de festa, dos vetustos armarios dos dictionarios e outros reportorios proprios e alheios. E que gaudio, que impar de gosto, que alegrão, quando se lhes antolha ensejo de lançarem um á cara do outro com um vocabulo bem obsoleto, uma expressão bem archaica, ou um modismo ou phraseado perfeitamente anachronico. Juro-lhes que não ha no mundo satisfação igual a de um grammatico numa occasião destas, e me persuado que é por amor desse prazer que tão acintemente as procuram. E, si não, me digam si se comprehende que um homem occupadissimo como é o Sr. Ruy Barbosa, ou mesmo desoccupado, como, por ventura, é o professor Carneiro, sem nenhum interesse

de lucro, de attenderer á sua subsistencia e dos seus, e antes talvez com perda de outros proventos, desperdice o seu tempo, sempre precioso, em um trabalho ingrato, inglorio, difficil, arduo, e ao cabo futil, de pura grammatiquice e dictionarice, uma tarefa de mestre escola a catar e emendar erros nos themas dos discipulos, o mais aborrecido e bronco que homem possa fazer, gastando nisso longos dias e acaso compridas noites, revolvendo cartapacios desagradaveis ao manuseio e á leitura, e consumindo nesse labor secundario tempo, vagares, capacidades, talentos que melhor applicados dariam certamente outro resultado, incomparavelmente mais proficuo e mais glorioso. Uma lingua, e não só uma lingua, mas uma cultura lucra sempre muito com os estudos da verdadeira e desinteressada sciencia philologica, mas quando esses trabalhos são da natureza dos dos Schleichers, sobre a lingua allemã, dos Littrés, sobre a lingua franceza, dos Leonis, dos Adolphos Coelhos, dos Vianas, sobre a lingua portugueza, e outros e outros que, em todos os paizes cultos, eu pudera citar. Mas, com os da especie destes de que me occupo, aliás enormes e consideraveis e até de muito saber, productos de vaidades literarias irritadas e irritantes, obra de pura polemica, que forçosamente lhes vicia o criterio e os inficciona da má fé inevitavel á toda a polemica, absolutamente não se dá o mesmo. Para a sciencia verdadeira e respeitavel, para a cultura, tem elles o mesmo valor que a esgrima de salão para a arte da guerra, com a desvantagem que naquella ao menos se exige nos adversarios a rigorosa applicação dos principios da arte, a absoluta cortezia das maneiras alliadas á elegancia dos gestos. Nem se diga que servem para apurar o raciocinio e exercitar a logica, que as nossas locubrações modernas, ao contrario das escolasticas, se não fazem principalmente com esses dous instrumentos, si não com a observação, a experiencia, o calculo, e o valor do raciocinio não depende mais de fintas habilmente feitas, mas de factos exactamente verificados, examinados e analysados.

O que, quer a *Réplica* do Sr. Ruy Barbosa quer a *Redacção do Projecto do Codigo Civil* do Sr. professor Carneiro, conseguem menos duvidosamente provar é a inconsistencia, a incoherencia, a indisciplina, a desordem, a anarchia da grammatica da lingua portugueza e, portanto, da lingua em que ella assenta seus preceitos. Sustentando frequentemente doutrinas oppostas e contrarias ambos esses doutores se apoiam e as apoiam nos melhores escriptores da lingua, nos mais autorizados dos seus classicos, nos quaes cada um delles acha documentos favoraveis á sua causa. E, o que é singular e me leva ao atrevimento de duvidar da sciencia philologica dos dous adversarios, é que reconhecendo-o, não lhes vem nunca, nem a um nem a outro, a idéa natural, logica, comesinha, de estudar o facto disputado em si mesmo e na sua evolução na lingua, na sua significação e, si posso dizer assim, na sua psychologia. Não, apenas raras vezes um rapido perpassar pelas suas origens, segundo a lição de mestres estrangeiros, jamais com os ele-

mentos do seu proprio saber, para cairem logo nos seus ineffectiveis classicos. E' esquisito, e de alguma forma deprimente para a cultura dos povos de lingua portugueza, que a primeira luz projectada na lobrega floresta dos nossos infinitos pessoases e impessoaes e fosse por um allemão. Diez, a quem o Sr. Julio Ribeiro, qual mostra o Dr. Carneiro contestando com vantagem o Dr. Ruy Barbosa, e os que ao nosso grammatico se seguiram, não fez sinão copiar. E ainda hoje, nada obstante o crescido numero de paginas aqui e creio que em Portugal escriptas sobre esse augusto e impenetravel misterio dos nossos infinitos verbaes, *grammatici certant*. Prova-o mais uma vez o grosso livro do Dr. Carneiro que em mais de 20 paginas, pejudadas de citações de classicos, contradiz os assertos do Dr. Ruy Barbosa, não logrando si não convencer-nos de que a questão do infinito (como todas as questões que se relacionam com essa entidade metaphysica) continua insolúvel.

Do mesmo modo permanece, apesar dos esforços dos dous bravos contendores a questão, essencialmente brazileira, da collocação dos pronomes. Si ainda houvesse lugar para os poemas heroi-comicos, eis ali um assumpto a propor a qualquer Diniz retardatario. Esta e todas as mais discussões grammaticas. E não lhe faltaria nem a chalaça picaresca e a graça fescennina, com que adubar ao nosso gosto luso-brazileiro, o pandego poema. Si duvidam leiam de pag. 142 a 151 do livro do Dr. Carneiro a discussão da vernaculidade do *desvirginamento*.

#### *La mère en prescira la lecture à sa fille.*

E' de um supremo comico ver os dous graves doutores discutirem, em qual dos tres termos *desvirginar* ou *desvirginizar*, *deflorar* ou *desvirgar*, a «imagem da violencia carnal sobre-sae com todo o realismo da sua brutalidade.» E ainda ha quem metta grammaticas nas mãos de meninas!

Ao comico do poema, se deparariam, porem, nestas discussões, outros toques menos crús, sem duvida, mas não menos alegres. Exemplo o do *diversorio*. Como todo o purista que se présa, tem o Dr. Ruy Barbosa o gosto, que a mim me parece literariamente máu, e até mal são, de rebuscar nos autores classicos, pouco lidos, e nos velhos vocabularios da lingua, termos obsoletos, expressões archaicas, palavras inteiramente desusadas ou escassamente usadas, para darem á sua linguagem apparencias e feições de classica. Como, apesar de qualquer esforço, é impassivel a um escriptor de hoje escrever em tudo e por tudo conforme um quinhentista, o que é o mais seguro e decisivo argumento a favor da evolução da lingua, e por outro lado, é relativamente facil affectar classicismo empregando aquelles vocabulos e um ou outro phraseado obsoleto, a esse meio recorrem os puristas, ou que o pretendem ser, para nos darem a illusão de que são dignos de emparelhar com os classicos. Um conheço eu que usa desta simples receita: pôr sempre o verbo no principio da phra-

se: *Licito não é, Forçoso me fôra, Gastára muitissimo*; outros catam nos dictionarios os termos que levam adiante a notação *ant.* (antiquado) fazem delle listas, a que recorrem para salpicar seu estylo de vocabulos raros, sem verem o disparate resultante do enxerto numa phrase moderna pelo seu boleio e até pela idéa que exprime de um termo antiquado. Os que de facto lêem e estudam os classicos são rarissimos, e mais raros ainda os que delles aproveitam com discernimento, bom gosto e bem logrado proveito. Para dizer todo o meu pensamento, eu não vejo presentemente no Brazil si não um escriptor, o Sr. Machado de Assis, a quem caiba este elogio; é verdade que este exemplo seria de porte a nos levar á cultura dos classicos. Mas o Sr. Machado de Assis, por isso mesmo que o seu commercio com os classicos não é um producto da moda, nem uma acquiescencia a nenhuma propaganda, mas um gosto natural, uma inclinação do seu temperamento literario, o classicismo da linguagem foi desde os seus primeiros annos de escriptor uma das suas convicções mais fortes. E todas as nossas revoluções, motins e reacções aqui havidas contra a vernaculidade passaram por elle sem de leve lhe alterarem a sua disposição de respeito absoluto ao portuguez de Portugal. Não ha como os scepticos para terem convicções absolutas e arraigadas. Além do Sr. Machado de Assis só um outro escriptor conheço no mesmo caso, João Francisco Lisboa, cuja lingua, sem ter a elegancia e a finura da do autor de *Braz Cubas* está mais proxima do que a deste, pela construcção e copia de formas classicas, e tambem do vocabulario antiquado, dos grandes modelos vernaculos. João Lisboa, que viveu algum tempo no tracto de Alexandre Herculano, tomou deste não só a lingua, porventura a melhor do portuguez moderno, mas alguma cousa do estylo e é assim elle de todos os escriptores brazileiros o mais portuguez. Voltemos, porem, ao caso do *diversorio*. No seu *Parecer sobre o projecto do Codigo Civil*, escrevera o Dr. Ruy Barbosa: «A cada passo entre o meu espirito e o do legislador se interpunha ella como um véo, um diversorio, ou um tropeço». O leitor, que não conhece aquelle raro e feissimo termo *diversorio* entendeu, porem, e legitimamente, que, tal qual vinha naquella phrase, não podia deixar de ser tomado como um synonymo de tropeço, embaraço, estorvo. Nem se envergonhe o leitor do seu erro, que o Dr. Carneiro, mestre abalisado nestas cousas, tambem assim o entendeu, nem legitimamente podia de outro modo entendel-o. E nas suas *Ligeiras observações* áquelle parecer objectou que «se foi neste sentido que o empregou o Dr. Ruy, torceu-lhe e desviou-lhe de todo ponto o sentido que lhe dão todos os lexicographos;» alguns dos quaes, affirma elle logo, o não mencionam. Contestando a lição do seu antigo professor, o Sr. Ruy Barbosa, pergunta sobranceiro, como homem segurissimo do seu saber: «Que outra idéa suggere *diversorio* a não ser a de cousa que *diverte* ou *distrae*. *Diversorio* quem á primeira vista o tomaria, senão como equivalente a diversão, ou coisa que a promova?

E, com o seu desdem, olympico: «O commum dos leitores ali não veria outra cousa.» Pois bem, o commum dos leitores do qual faço parte, e ainda somenos, provou-o o Dr. Carneiro, erraria, quer seguisse a primeira interpretação deste professor (a qual aliás tinha todos os aspectos de legitima) quer seguisse a do vernaculissimo autor da phrase, o qual, não contente com desviar aquelle vocabulo da sua lidima accepção portugueza, ainda por cima affirma que essa está «hoje em dia inteiramente esquecida».

Restituindo-lhe essa accepção, que é, não a de distração ou cousa que diverte ou distrae, como a usou e a explicou o Sr. Ruy Barbosa, mas *hospedaria, alberque, poisada de caminhantes, asylo*, (1) que é muitissimo diverso, mostrou o Dr. Carneiro que pelo menos Castilho e Latino Coelho modernamente a empregaram, e mostrou mais, que procurando o Dr. Ruy Barbosa justificar-se da impropriedade, com que, por amor do archaismo, como a preciosa *pour l'amour du grec*, usou desse termo, com um exemplo de Jose de Castilho, que não entendeu ou que interpretou a sua feição, deturpou manifestamente o texto de Castilho José. Leia-se no grosso volume do Dr. Carneiro, de paginas 613 a 623 todo este curioso episodio. Rematando a sua contradicção, com todo o fundamento escreve o professor Carneiro: «Não é portanto verdade (e esta formula de desmentido repete-a frequentemente o Dr. Carneiro contra o Dr. Ruy Barbosa, no seu livro) ter o Dr. Ruy empregado a palavra diversorio... no mesmo sentido que lhe deu Castilho José...» e mais abaixo: «Desse-nos o Dr. Ruy a passagem inteira de Castilho José sem a mutilar nem a trincar, e para logo não escaparia ao leitor, como não deverá ter escapado ao proprio Dr. Ruy Barbosa, o erro de considerar o vocabulo diversorio, empregado naquelle lugar da grinalda ovidiana como significando *diversão, diversivo, cousa que afasta*.» Eis em que dá o gosto doentio de «falar difficil».

A' proposito das replicas do Sr. Ruy Barbosa, e de se haver este gabado de ser um dos raros escriptores brasileiros, si não o unico, a não errar na collocação dos pronomes, volta o Dr. Carneiro longamente no seu grosso livro a esta eterna disputa. Si, com a do café, a do cambio, e quejandas ha uma questão nacional no Brazil, é esta da collocação dos pronomes obliquos. Tal collocação entrou a ser aqui a pedra de toque do escriptor correcto, o que é talvez um disparate porque a forma normal, necessaria e, portanto, legitima de collocar esses pronomes no Brazil é justamente essa que os nossos grammaticos, de 20 annos para cá, entraram a condemnar. Sobre isso veja-se o excellente estudo do Sr. Said Ali, na *Revista Brasileira* de 1 de março de 1895. E' o que com mais senso e espirito scientifico já do assumpto se escreveu. Todos os brasileiros, ainda os mais cultos, e capri-

chosos em bem falar e escrever, erram (erram, segundo o padrão portuguez) neste particular. E é o proprio professor Carneiro, mestre e grammatico da lingua, quem, apanhado nessa falta pelo Sr. Ruy Barbosa (quando aliás elle mesmo já a tinha reconhecido e confessado) criteriosamente reconhece que: «E' este (o nosso modo de collocar pronomes) um *brazileirismo* tão arraigado no falar e no escrever, que ainda aquelles que mais se esforçam por evital-o, uma ou outra vez o comettem, fallando ou escrevendo». Ora si é um *brazileirismo*, (e não ha negar que o é) quero dizer si os brasileiros, letrados ou illetrados, usam esse falar, a sua legitimidade não é contestavel, ou então é vão, errado, nullo, irritado e até ridiculo tudo o que nos anda ensinando a sciencia dos Bopps e dos Diez. Eu não sei de escriptor brasileiro, ainda dos tidos e havidos como mais vernaculos, anterior a reacção erudita contra o nosso modo de por os pronomes, de quem se não possa mostrar um ou outro exemplo desse erro.

Dos melhores, por todos os titulos, nomeadamente pela vernaculidade, são Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa e o Sr. Machado de Assis. Pois até nesses se nos deparam, se bem isolados e raros, alguns exemplos errados:

De Gonçalves Dias:

*A cujo influxo magico respira-se*  
Um quebranto de amor, melhor que a vida.

*Poesias*, Garnier, II, 115.

De João Lisboa:

Não ficou pouco sorprehendido... *quando* pela primeira vez o seu criado *pediu-lhe*

*Obras*, Maranhão, I, 202.

Foi nesta conjunctura *que deram-se* rompimentos

*Ib.*, IV, 645.

Do Sr. Machado de Assis:

*Nunca* o mais puro azul de um céu profundo  
Em olhos mais suaves *refletiu-se*.

*Chrysalidas*, Rio, 1864, 28.

*Cujos olhos*, de mortos que eram, *tornaram-se* languidos.

*Quincas Borba*, Rio, 1891, 419.

E no seu livro *O Papa e o Concilio*, dos annos de 80, o Sr. Ruy Barbosa, justamente reputado um,

(1) Boissier no seu livro encantador e interessantissimo *Cicéron et ses amis*, pag. 90, da 12.ª edição, explica assim *diversorio*: «casas pequenas que os grãos senhores compravam nas principaes estradas para terem onde repousar quando iam de um dominio a outro.»

dos nossos raros escriptores realmente vernaculos, collocou tão erradamente os pronomes que o professor Carneiro affirma «convencidamente, que a nenhum escriptor de nota lembraria subscrever (aos exemplos que cita) que nos fornece a leitura desse trabalho do illustrado escriptor». E, com a maldade propria aos grammaticos, copia-lhe de pags. 438 a 446 e de pags. 472 a 479 mais de duzentas phrases erradas, e ainda lhe acha algumas nas suas mais recentes e mais cuidadas *Cartas de Inglaterra*, que são de 1894. Que dizer de escriptores verdadeiramente notaveis, de grande talento e cultura, e até estylistas, mas que não tiveram jamais a preocupação da vernaculidade portugueza, como José de Alencar e o Sr. Joaquim Nabuco? Nesses o que é raro é que elles ponham os pronomes de outra maneira que a do lidimo falar brasileiro.

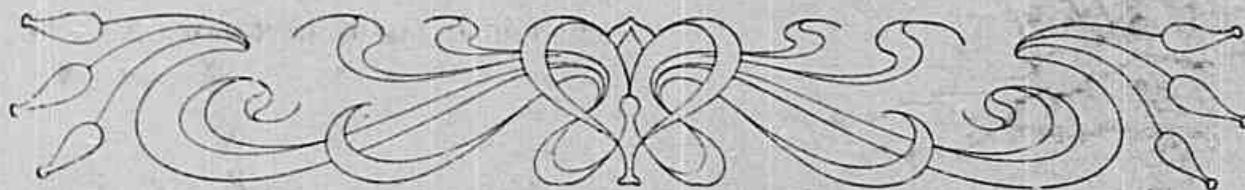
Contra este uso, que não é bom nem mau, mas simplesmente um facto de linguagem, que cumpre ver e examinar sem preconceitos e picuinhas de esthetas ou de grammaticos, que ainda estão no presuposto de que elles é que regulam a lingua, surgiu, haverá uns vinte annos, uma reacção erudita, que não obstante desarrazoada nos seus motivos e incoherente nos seus preceitos (toda esta discussão Ruy Barbosa—Carneiro o mostra sobejamente) vai cingando, pois já hoje os escriptores brasileiros timbram em collocar os pronomes á maneira portugueza. Reagirão elles sobre o povo, forçando-o a voltar ao modo de dizer vernaculo, ou o povo, ateimando na sua maneira de falar, e de por os pronomes, influenciará nos escriptores e lhes imporá a sua lingua? Não me atrevo a decidir, a questão é difficil e o problema interessante para a philologia do futuro. Todos nós literatos brasileiros nos queixamos de que o nosso povo não nos lê,

nem nos estima. Não se poderia pensar que é porque nós lhe estamos falando uma lingua que não é a sua?

Mas o que se apura desta enfadonha e displiciente discussão da collocação das pronomes complementos entre o Sr. Ruy Barbosa e o Sr. Carneiro, que no seu volume occupa com ella 154 paginas, é o incerto, o vago, o incoherente, o contra-producente das regras que sobre o caso dão os grammaticos, quer profissionaes, quer amadores. O Sr. Ruy Barbosa e o Sr. Carneiro principalmente de todo não estão de accordo, o que aquelle condemna este justifica e vice-versa; ao cabo, os bons classicos, que têm as costas largas, fornecem exemplo para todos os gostos. De facto neste particular as normas absolutas, sem excepções nem restricções, são pouquissimas, e talvez o que ainda nellas predomina é o ouvido, a euphonia, que é aliás um criterio variavel com a pessoa. Neste exemplo de João Lisboa: *Ainda quando* José Pedro das Lages *sublevou-se* (Obras, Maranhão, 1865, IV, 640) algum pontilhoso da collocação poderia acaso ver um defeito, não seria, porem, defeito maior *se sublevou*, com a concomitancia dos sons *se su*?

Terão, porem, os dous doutores esgotado nesta discussão, a palpitante, (que elles me perdoem o gallicismo) momentosa, interessantissima questão dos pronomes, e trazido a este mysterio, mais escuro que o da Santissima Trindade, luzes definitivas? Não me atrevo a responder pela affirmativa, tão seguro estou que o Sr. Ruy Barbosa, si treplicar ao professor Carneiro, ainda achará argumentos nas theorias e exemplos nos classicos, com que contestal-o.

JOSÉ VERISSIMO.



# O SULTÃO

## CONDEMNADO À MORTE

( NOTAS DE UM CURIOSO )

A formidável lucta que no Oriente Asiático se desenrolou entre russos e japonezes fez com que a grande maioria do publico perdesse de vista o outro Oriente, o Oriente Europeu, onde por muito tempo se representou o prologo de um drama cuja acção, propriamente dita, tem um desfecho que não pôde ser o que lhe estava reservado.

Sem pretender discutir a questão balkanica tantas vezes apresentada nas columnas dos quotidianos do mundo inteiro, coordenei para esta primeira desprerenciosa chronica algumas notas curiosas sobre um não menos curioso episodio da lucta travada entre o valente Boris Saraffof e Abd-ul-Hamid. O chefe revolucionario, de facto, a frente do *comité* da Independencia Macedonia, — isto é: a Revolução —, condemnou á morte o sultão turco, como foi communicado a «todo o mundo» pelos fios telegraphicos.

Ignoro si a terrivel sentença extra-judiciaria continúa imminente sobre a cabeça do inimigo. Pelo que se passou, a cousa parece pouco favoravel, visto como Sua Graciosa Magestade não esperou pela insurreição macedonia para tomar todas as medidas possiveis de segurança propria, tornando-se quasi invisivel a seus subditos. Entretanto, esse acto pouco commum da parte de um *comité* revolucionario merece ser registrado e dá lugar a constatações de um caracter instructivo e pittoresco.



Reprodução do unico retrato existente de

ABD-UL-HAMID

E', de resto, velho habito observado na carreira sanguinolenta de todos os soberanos de Constantinopla o salutar systema de «desconfiar de tudo, mesmo da propria sombra», — como prudentemente aconselha um proverbio turco. E Abd-ul-Hamid, mais do que nenhum outro, tem-se esmerado na arte de guardar-se e de se fazer guardar.

\* \* \*

Mas vejamos, em primeiro lugar, que especie de homem é esse sobre quem Boris-Saraffof dardou sua terrivel sentença.

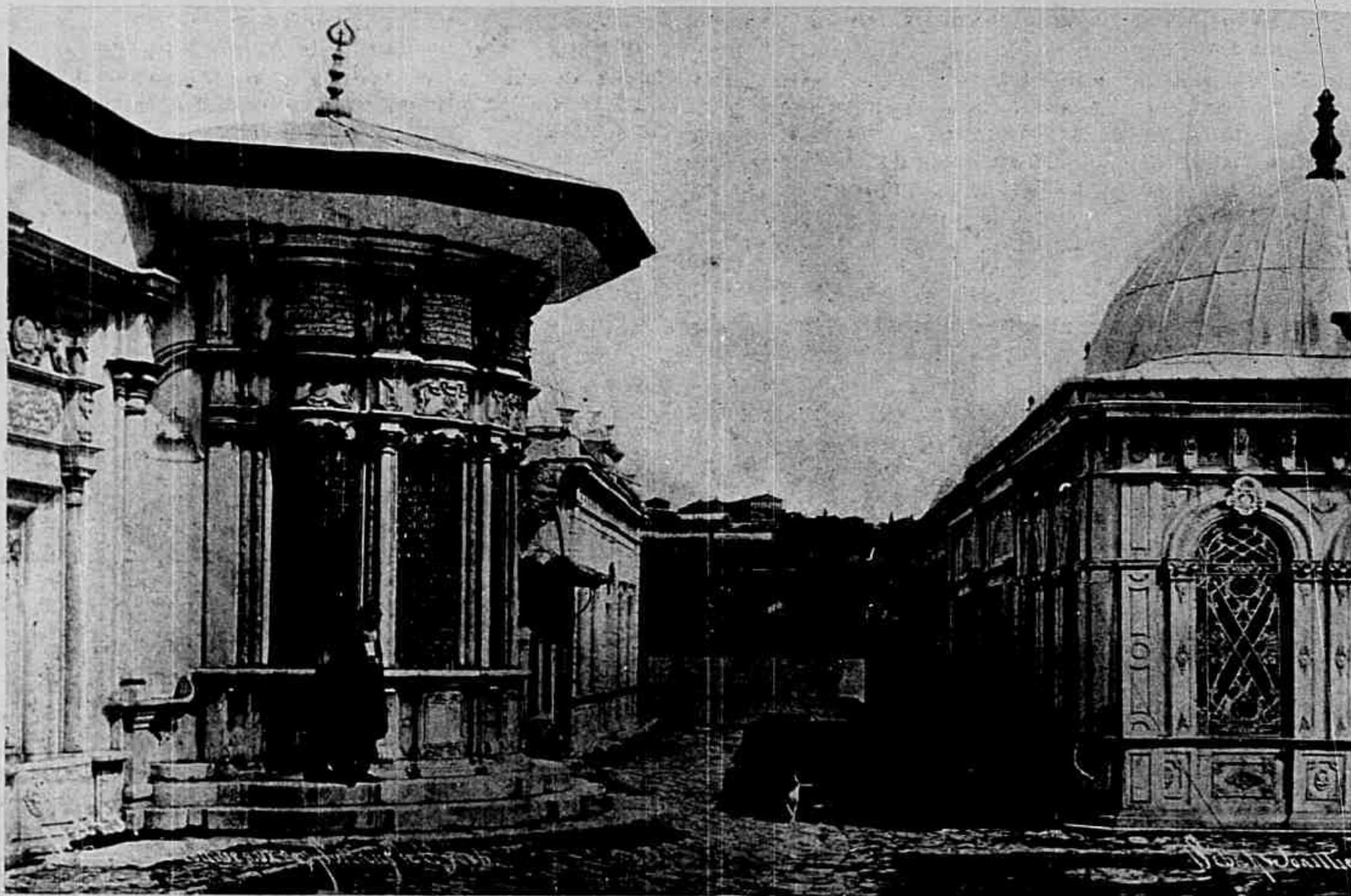
Abd-ul-Hamid, que, pelos horriveis massacres da Armenia, conquistou o symbolico e triste cognome de *Sultão Vermelho*, é o trigesimo-setimo monarcha da dynastia dos Osmanlis, cujo primeiro chefe é assignalado pelos historiadores em 1225. O actual soberano nasceu no velho serralho de Constantinopla, a 21 de Setembro de 1842. Quando estas linhas forem publicadas, portanto, o sanguinario despota contará sessenta e tres annos e alguns dias de idade, sem duvida, um mez ou pouco mais.

Physicamente fallando, o Sultão é um homem de estatura mediana, hombros cahidos, olhar fugidio, movel e inquieto. A côr de sua cutis, de uma pallidez amarellada de cêra, tem alguma cousa de cadaverico e balofo, — dizem aquelles que, por excepcional favor, poderam se approximar do *Chefe dos Crentes*. A frente é larga, as sobrancelhas negrissimas e tocando-se quasi. Ha alguns annos já, Abd-ul-Hamid deixou crescer toda a barba que é cerrada e preta. As orelhas do despota são pequenas e ligadas ao craneo.

O unico photographo a quem até agora o Sultão permittiu a reproducção de seus traços foi o celebre Abdallah, de Constantinopla. Sabe-se, com effeito, que o Alkorão sem positivamente prohibir a reproducção dos traços humanos, não a encoraja. Entre os turcos, uma antiquissima superstição ensina a crêr que todo aquelle que espalha seu retrato e confessa a propria idade attrahe a morte, que, mais cedo do que devia, corre a apoderar-se de seus despojos. Fatalista como todos os turcos e supersticioso como todos os Osmanlis, o algoz da Armenia não tem coragem de affrontar a absurda crença.

Abd-ul-Hamid possui diversos palacios em Constantinopla, além de numerosas *villas* e residencias de recreio semeadas sobre as costas da Asia Menor e outras regiões pittorescas. Não obstante, o Sultão só se compraz verdadeiramente em sua principal residencia da capital do imperio, isto é, no Yldiz-Kiosk, nome turco que significa *Palacio das Estrellas*.

Filho de Abd-ul-Medjid, o actual soberano succedeu, a 30 de Agosto de 1876, a seu irmão Murad, desthronado e encerrado depois como louco n'um mosteiro musulmano, onde ha um anno morreu, diz o partido joventurco que das consequencias de uma chicara de... «máu café».



TUMULOS DOS SULTÕES EM EYUB

No Yldiz-Kiosk, além da criadagem, das favoritas e da guarda, o monarca só vê e recebe os dois mais altos funcionarios do imperio o grão-vizir, ou primeiro ministro, e o *cheik-ul-islam*, chefe dos *ulemas* que assim se intitulam os membros do corpo doutrinante. O *cheik-ul-islam* é o lugartenente, o homem de confiança do Sultão em tudo quanto é materia religiosa, pois, como ninguem ignora, o soberano turco é, ao mesmo tempo, monarcha absoluto, *Padisch* (sombra de Deus), e «Chefe dos verdadeiros Crentes», ou, em outros termos: papa da religião mahometana.

\* \* \*

Postas e expostas as principaes qualidades e prerogativas desse excepcional chefe de uma nação, passemos ao ponto mais curioso deste artiguete, a saber, — como é guardado Abd-ul-Hamid? —, de que precauções se cerca o soberano turco, contra o punhal, o revolver, o veneno ou cordão de seda do conspirador? Obedecendo a meu plano, proponho-me a mostrar aos leitores quão grandes são as difficuldades que encontrarão os emissarios de Boris Saraffof em pôr em execução a sentença do audaz revolucionario.

Abd-ul-Hamid, pode-se dizer sem medo de errar, faz-se proteger contra os assassinos possiveis de uma maneira formidavel.

Immediatamente junto ao soberano encontra-se o corpo dos *icoglans*, guarda especial que não se deve confundir com a guarda imperial propriamente dita. Os *icoglans*, que substituiram os antigos *mameluks*, outr'ora exterminados em massa por uma simples suspeita de infidelidade, formam um corpo de magnificos cavalleiros encarregados do serviço immediato junto ao monarca, quer no interior, quer no exterior do palacio. Seu commandante tem o posto de general e responde, com a cabeça, pela vida do Chefe dos Crentes. E' quem organisa as rondas, dirige a rendição das sentinelas, etc., etc. Antes que se possa, porém, chegar até esse funcionario vigilante e desconfiado, encontra-se o *kistar-aga*, isto é, o chefe dos eunuchos pretos. Os *icoglans* são asiaticos de forte envergadura, mas os eunuchos pretos ainda lhe são superiores, formidaveis athletas, verdadeiras bestas orientaes, a um tempo servis e ferozes, deixar-se-ão picar de bom grado para defender seu amo e senhor.

Antes dos eunuchos pretos, guardas ordinarios das portas interiores do palacio existe um terceiro serviço ás portas exteriores, serviço que é feito

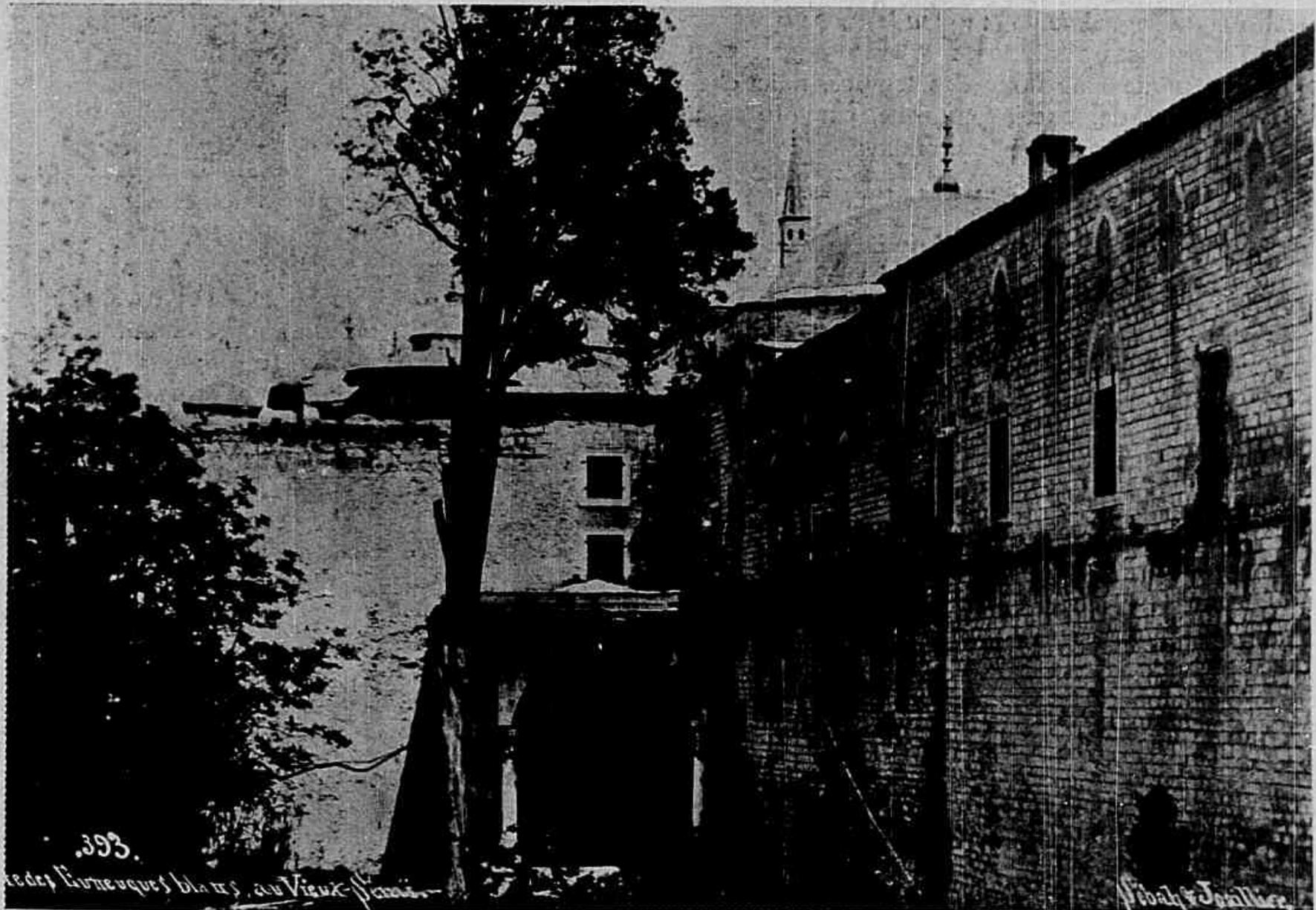
pelos eunuchos brancos collocados sob as ordens do *kapú-agassy*.

No Yldiz-Kiosk encontram-se ainda, além desta terrível e desconfiada soldadesca, os perigosos *bise-bans* ou *dilsis*, esses sanguinarios e ferozes mudos antigamente encarregados de executar em todos os pontos do imperio não só as sentenças de morte pronunciadas pelo tyranno, como todas as commissões que exigissem absoluta discreção. Uma só phrase basta para caracterisar taes monstros: São capazes de tudo, escreveu, não ha muito, um dos chefes do partido joven-turco, a uma palavra ou a um gesto do despota.

Mas... ha um «mas», como em todas as cousas humanas: Abd-ul-Hamid tem seu «dia de sahida» e, como chefe da religião mahometana, deve ir todas as sextas-feiras orar publicamente n'uma das mesquitas de Constantinopla.

Tendo na cabeça um turbante e vestido de uma longa sobre-casaca abotoada, o Chefe dos Crentes sóbe para o carro imperial que immediatamente se cerca de uma verdadeira nuvem de *icoglans* apoiados pela tropa e pela policia secreta que na Turquia é enorme.

Ahi é que está o perigo. Muitos predecessores de Abd-ul-Hamid, e entre elles Murad V, temiam



CONSTANTINOPLA — PORTA DOS EUNUCOS BRANCOS — NO VELHO SERRALHO

Não se pense, porém, que no exposto se resume a guarda imperial encarregada de responder perante a nação turca pela segurança e tranquillidade de seu Gracioso soberano. Não. Além dos *icoglans*, dos eunuchos pretos e brancos, dos mudos e dos soldados ordinarios existe, no paço de Constantinopla, todo um exercito de servos ou, melhor, de escravos capazes do ultimo sacrificio pelo condemnado de Boris Saraffof: mordomos, intendentes, pagens, cosinheiros, jardineiros, *baltadjis* (rachadores de lenha), banhistas, etc, etc...

tanto a sahida da sexta-feira que em seu lugar enviavam um official de confiança disfarçado em sultão. Si o algoz da Armenia lançar mão da mesma tactica, como poderão os revolucionarios macedonios cumprir o juramento prestado nas margens do Danubio?...

Paris, 1905.

DEMETRIO DE TOLEDO.

## TYPOS E SYMBOLOS

LUIZ FERNANDES

ONDE vae o seu negro gibão rendado e as suas botas reluzentes? onde o seu chapéu desabado de artista e a sua capa de heroe? onde a sua pallidez de declamador e os seus bigodes de revolucionario? onde a sua Leonor? onde o seu genio? Pobre creatura de Pinheiro Chagas e do sentimentalismo; pobre orphão da rhetorica de 70 e dum theatro que egualmente rendeu a alma ao Creador... Todos esses attributos e toda essa gloria sublimes se perdem na noite dos tempos, noita cheia de estrellas e de poesia em que, para todas as almas delicadas das torrinhãs, reinava

no céo, inteira paz; na terra, pleno abrii

e no horisonte da arte não surgira ainda a lua nova e cynica da revista do anno. Elle viveu e triumphou neste tempo; e bem se póde dizer que já não vive, hoje em dia, tão afastado e esquecido está o seu triumpho. Morria diariamente no quinto acto, entre a impetuosa Morgadinha e a suave Mariquinhas, unindo, na agonia, esses dois diminutivos, na mesma phrase de mel; á tricentesima representação, morreu definitivamente, deante da platéa vasia, na indifferença do publico que fôra, açodadado e febril, glorificar o *Abacaxi*. Jaz em cova raza, obscuramente, sem pedra onde se grave o seu passado de esplendores; cobrem-no alguns palmos de *couplets* libidinosos; o seu coveiro, que é o seu antigo empregario, todos os dias vae recalcar a terra, com medo que elle fure e se levante, a declamar, cheio de duvida: «Oh, cruz! oh, cruz!» — e, lá fóra, passa e repassa a multidão, sem que lhe acuda entrar um momento, para verter uma lagrima sobre a sua sepultura e sem ao menos lhe rezar, de caminho, um Padre-Nosso, por alma.

E' a multidão que lhe abarrotava o theatro e se espremia de dor, ao ouvir-lhe as tiradas magestosas e doces, onde a Fatalidade empunhava o bandidim e a Morte se enlambuzava gulosamente de calda de assucar. Gentalha ingrata; elle que defendia o povo dos epigrammas heraldicos de Leonor; elle, o demagogo; elle, o republicano! O povo o inspirou, o povo o perfilhou, o povo o engeitou, por fim, um bello dia, no desvairamento da mais fervida paixão pela actriz Pepa, pela justeza das suas calças de malha e pelo piscar incendiario dos seus olhos de andaluzã. O povo deixou o romantismo de ballada pelo dito duvidoso; trocou o suspiro fa-

tal pelo buliçoso larilolé; substituiu impiamente na sua admiração a pallidez pela perna gorda. E, quando elle, já enrouquecido de tanto monologar e já cavernoso de tantos ais, interrogou esse padrinho infiel com o espantado olhar de martyr que não previra o seu destino, uma risada lhe respondeu, uma infernal assuada, na qual vozes mais altas e galhofeiras guinchavam a sentença escarninha:— Não, nada disso, ó tu que te engasgas de commoção e te derretes em pranto. Estamos fartos, estamos até aqui (e mãos anonymas apertavam confusas maçãs de pescoço) até aqui do teu penar, das tuas lutas, do teu amor a duas, do teu eterno barafustar. Agora, queremos a revista, queremos o pagode; queremos o collo á vela, queremos o *calembourg*! Fica-te para ahi, com as tuas lamurias e o teu Pinheiro Chagas; nós cá vamos para a bella revista e para o amigo Vicente Reis. Abaixo o cypreste, abaixo a lyra! Ao *maillot*, ao maxixe, ao compadre! E adeuzinho!

Assim terminava, numa apothese de traço e de calão, a carreira de Luiz Fernandes. Carreira, entretanto, de esforço ingente e de combates desvairados, que bem merecia outra recompensa do futuro... Como elle começou, talvez o não saibaes, ó vós que lhe déstes fim! Foi lutando e sacrificando-se que elle começou, lutando como um heroe, sacrificando-se como um inspirado. Seu pae tinha-o destinado á promissora vida commercial, mettendo-o de marçano num dos mais importantes e bem sortidos armazens da nossa praça. Fernandes era senhor de dois valentes braços, inveja de camaradas que não sopesavam com a sua facil galhardia as pesadas mantas de carne secca e os bojudos barris de decimo; e, no dizer do patrão que acompanhava com um olho terno o seu barafustar pelo armazem, não lhe faltava queda e gosto para o negocio. Além disso, a sua forma de letra, de que talvez para o futuro precisasse, era um capricho; e, quanto a temperamento, já o primeiro caixeiro lhe arrumara dois ponta-pés, sem revolta. Parecia talhado, parecia fadado; a verdadeira vocação foi, para elle proprio, a mais assombrosa das surpresas. E veio-lhe assim, de repente, numa fulguração de momento, num baque. Luiz, uma noite, adormeceu marçano; na manhã seguinte, acordou galã. Como se operara tão rapida metamorphose? Nunca elle o soube explicar. Aquillo rebentou-lhe na alma como uma flor expontanea e triumphal. Bateu na testa, repetiu inconsientemente a phrase do pintor: *Anch' io!* — e, vestindo a jaqueta, foi-se contratar como comparsa. Exaltava-o uma chamma occulta; o fogo sagrado illuminava-lhe o caminho. Sentia o

genio dentro de si, não lhe podia resistir; a arte ordenava-lhe: Sê grande!—não lhe podia desobedecer. Foi esse toque, essa íntima revelação que lhe fez dar o primeiro passo para o theatro; depois, a convivencia das ingenuas e o doce privilegio de se poder levantar ao meio dia fizeram delle professionalmente um actor.

O que mais lhe custou foi estreiar-se, de facto, num papel. Porque se, interiormente, tudo lhe dizia os seus incontestaveis dotes de artista, na companhia continuava atirado para o panno de fundo, empunhando alabardas e obrigado a limitar todos os seus recursos sublimes a certas exclamações geraes, onde, todavia, a sua voz se impunha pela sonoridade e pela exacta inflexão. Nunca foi preciso ensinar-lhe duas vezes—como á maior parte dos outros— a maneira de dizer dum modo expressivo: A condessa! Não! não! Abaixo o traidor! Cortemos-lhe a retirada!— e mais phrases que o autor consagra a essa personagem de vinte ou trinta vozes que na rubrica se chama *Todos*. Elle era um Todo absolutamente excepcional, começando por saber ler; para ser mais alguma coisa, faltava-lhe, porém, o ensejo, a vaga, o «aperto» que vem a representar no theatro a Providencia dos verdadeiramente predestinados. E o aperto fez-se esperar. Veiu, finalmente. Uma noite, o galã mandou dizer que não podia vir; parece que era coisa do figado, ou de jogatina; o facto é que não podia vir. Ora; começavam a chegar espectadores; não se podia transferir o espectáculo, não se podia trocar a peça. Que fazer? O empresario ia talvez desfechar um tiro na cabeça (fallava nisso por dá cá aquella palha) quando o nosso Luiz se lhe apresentou, ousado e prompto a salvar-o. Luiz affirmava saber o papel na ponta da lingua; a sua coragem era uma garantia. O empresario beijou-o, chamou-lhe filho, orvalhou-o de lagrimas— e redigiu á pressa um aviso, para pregar lá fóra. Nessa noite, surgiu no firmamento theatral mais um astro de primeira grandeza; e, no dia seguinte, uma *tabella* affrontosa punha na rua o outro galã.

Depois, naturalmente, a carreira abriu-se-lhe toda florida e rutilante de victorias. Cada novo papel lhe valia novo exito; o publico apaixonou-se por elle— e, com o publico, todas as damas da companhia e algumas de fóra. Foi delirantemente amado, na platéa, nos bastidores e por casas particulares.

Vivia num turbilhão de palmas e de beijos. O empresario augmentava-lhe o ordenado em todas as quinzenas; admiradores entusiasticos e dinheirosos mandavam-lhe, nas suas «festas artisticas», presentes de ouro e de brilhantes. Em breve, no seu colete, nos seus punhos, na sua gravata e nos seus dedos, reluziram essas dadas glorificadoras. Fóra ás outras dadas, de ternura e de paixão, que lhe não renderiam tão grande coisa no Monte de Socorro, mas no seu olhar dominador e sobre a sua fronte cavalleiresca, fulguravam mais que aquellas, prestando-lhe o mais sensacional dos reclamos e cobrindo-o da aureola dos immortaes... Nesse tempo, só uma coisa se comparava ao poder do seu genio: a immensidade do seu orgulho. Em arte, julgava-se sózinho, como julgava o seu theatro o unico do mundo. Já então, alguns fracos, alguns covardes transigiam, resvalando frouxamente ao *vaudeville*; elle indignava-se, batia com a mão no peito, jurava morrer de fome antes que polluir o sagrado talento de que fora dotado. Morreria abraçado á sua espada de cruzado ou sobre o seu alaude de trovador; morreria com honra, deixando o nome— e o exemplo. E, quando a sua geração o deixasse succumbir á miséria, como Camões, as gerações futuras saberiam levantar-lhe, em cada cidade, uma estatua.

Coitado! Do seu vestuario desapareceram as pedras ricas e de sobre o seu velho chapéo sumiu-se o resplendor coruscante. Todo elle murchou e se apagou; ficou uma sombra. Quando a primeira vez lhe falharam as tiradas supremas do 3º acto, disse comsigo:— a platéa não está boa hoje; está fria; veremos amanhã— Mas foi a decadencia rapida, a vertigem para baixo, para o fundo das catastrophes irremediaveis. O publico que já o não applaudia, abandonou-o por fim. Esqueceu os juramentos, a admiravel solução de morrer de fome; e, allucinadamente, entrou numa opereta. Não tinha voz, não tinha graça; outra vez foi abandonado. Praguejou, insultou o publico, desanimou. E, em espirito, baixou á cova. O resto, o que por ali anda, é apenas o corpo. Um corpo que se veste muito mal, que tem saudades e que não faz nada. Perdão, faz alguma coisa; faz de vez em quando—um beneficio.

JOÃO LUSO.

## A CASA DE DICKENS

(Alcindo Guanabara, cuja prodigiosa actividade intellectual abrange vinte annos da vida nacional, nas suas mais interessantes phases de evolução e de luta, escreve, dia a dia, o que muita gente ignora, as suas *Memorias*. E' uma pagina desse curioso registro inedito que offerecemos, por dadiua do autor, aos leitores do *Kosmos*. — N. R.)

O dever de averiguar por mim mesmo em que estado arribaram a Portsmouth as duas torpedeiras, levou-me hontem... á casa em que nasceu Dickens. Essa casa, sita na estrada principal que sae de Portsmouth, não se distingue em nada das que a cercam: uma grade de madeira protegendo um jardinzito exiguo, janellas communs superpostas duas a duas, a habitual agua furtada e a inevitavel chaminé de tijollo, dominando-a. Não fosse uma placa, avisando que alli nasceu, a 7 de Fevereiro de 1812, o maior escriptor que a Inglaterra produziu neste seculo, e ninguem lhe daria um olhar.

Essa placa deteve-me. Parei a considerar com attenção, quasi com affecto essa casa, em que, aliás, eu sabia que Dickens só havia passado poucos annos da infancia; mas quando se tem por um artista a veneração, o respeito, o amor que eu tenho por Dickens—certamente o escriptor cuja vida e cuja obra mais tem influído sobre mim—não é para admirar que o encontro inesperado da casa em que elle viu a luz nos deixe uma certa commoção. Era alli que nascera Charles John Huffham Dickens, segundo filho de John Dickens, empregado subalterno numa das repartições de marinha de Portsmouth; era alli que se tinha escoado a parte talvez mais feliz da sua existencia; era alli, pelo menos, que correram os unicos dias despreoccupados da sua vida. Poucos e breves foram esses dias. Carlos era ainda menino, quando John Dickens se mudou para Londres e depois para Chatham, onde elle começou a frequentar a escola. Um de seus biographos informa-nos que o futuro humorista, inimitavel e inexcédível, era concentrado, quasi melancolico. Não brincava com os meninos de sua idade: passava os dias a ler os poucos livros que o pae possuia. A miseria veio cedo atiral-o á triste realidade da vida. A prisão por dividas da Marshallsea abriu-se para a reclusão de seu pae e de sua mãe: Carlos foi obrigado a procurar trabalho numa officina, onde ganhava os seis shillings por semana, com os quaes provia a propria subsistencia. Mais tarde, em *David Copperfield* e em *Little Dorrit*, elle pintou com verdade esses dias de tris-

teza e de magua. No seu primeiro livro, *Sketches by Boz*, conta-nos que não teve na sua mocidade uma vasta e solida cultura. Effectivamente, quando volveram para os paes dias melhores, Carlos voltou á escola, que frequentou durante tres annos, findos os quaes entrou para o escriptorio de um advogado. Não lhe agradaram as tricas forenses. Pouco depois, era chronista parlamentar do *Morning Chronicle*, onde adquiriu a fama de ser o melhor *reporter* de seu tempo, só vindo a renunciar a essa carreira, quando a sua obra immortal, *Pickwick Papers*, publicada em 1836, teve o largo successo que lhe trouxe merecida fama. Foi exactamente essa a primeira obra de Dickens que me veio ás mãos, quando ainda adolescente. Li depois uma infinidade de obras inglezas deste seculo e li todos os demais livros do proprio Dickens e nenhum achei que lhe pudesse ser comparavel. O typo de *Pickwick* é uma creação genial e eterna. A satyra, a ironia, a analyse humoristica dos costumes e dos vicios inglezes ali são feitas com uma tal sensação de verdade e uma tamanha superioridade de espirito, que o leitor estrangeiro, alheio a esses logares e cousas, tem delles uma noção, por assim dizer, exacta. Mas é, sobretudo, quando se está aqui e se percorre os logares que a obra de Dickens nos tornou familiares, Bevis Marks, Clerkenwell, Gray's-inn-road, Inns of Court e a todo o momento, nos cafés, nas ruas, nas egrejas, nas salas dos tribunaes, nas escolas, se acotovelam os typos que elle fixou com uma precisão de objectiva photographica, que se adquire a noção desta verdade:—de que muitos annos antes do famoso concilio de Medan, em que pontificava Zola, o papa do realismo, já nesta verde ilha, fundeada neste verde mar do Norte, este grande escriptor entendia a arte como a exacta expressão da verdade, colhida na observação dos aspectos flagrantes da Vida. Não importa que *Pickwick Papers* seja uma obra que se poderia dizer caricatural. O *humour* é uma modalidade peculiar ao espirito inglez; mas não exclue a observação e o registro da verdade. Antes, é incomprehensivel fora dos limites que ellas lhe traçam. Quando exhorbite delles, já não é o *humour*: é a *blague*, é a pilheria, é a chalaça, pura gymnastica do espirito e das palavras, alguma cousa como as contorsões funambulas de *clown*, que não deixam impressão, ou deixam, bem no fundo, o residuo do tedio. *Pickwick* é a mais completa e a mais perfeita condensação do *humour* inglez, que appareceu durante todo este longo e glorioso reinado de Sua Magestade Graciosa; e, sem embargo disso, é uma photographia admiravel da vida ingleza, da terra ingleza, da civilização ingleza, dos

costumes inglezes do tempo em que foi escripta, ainda relativamente tão proximo e que, entretanto, já se me afigura a mim, que só agora vejo a Inglaterra, tão remota, como se medeasse um seculo.

Tambem nenhum outro moderno livro inglez penetrou tão intensamente a alma popular. Haveria todo um capitulo a escrever só sobre os artistas que o illustraram, desde a disputa para a successão de Seymour, que illustrou o primeiro volume e estava morto quando appareceu o segundo. Essa successão notavel coube ao estimado artista H. R. Browne; e são conhecidas as suas luctas com o proprio Dickens, que não confiava ao criterio do artista a escolha dos trechos a illustrar e que, não raro, desenhava os esboços ou ia até a corrigir os desenhos já feitos e assignados por esses grandes nomes. Haveria outro capitulo a escrever sobre a serie immensa de imitações espurias e de continuções dessas aventuras: *The Penny Pickwick*, *Pickwick in America*, *Pickwick Abroad*, *The Pickwick Gazette* etc. E' inutil fazel-o aqui: tudo isso comprova, apenas, que, em verdade, esse livro singelo, por isso mesmo que era apenas a reprodução de scenas da vida realmente vivida, interessou e commoveu o publico inglez. Não foi outra a razão da força enorme de que gozou este grande escriptor sobre a opinião de seu paiz. Não esqueçamos de que elle não cedia a nenhuma influencia estranha ou domestica. No continente, o que dominava era o romantismo triumphante; a voz que se ouvia era a grande voz de Hugo. Era o tempo das *Odes et Ballades*, dos *Rayons et les Ombres*, das *Voix Intérieures*; era o tempo da Musa formidavel, exercendo uma formidavel dictadura:

Et que tous ces pervers tremblent dès à present  
De voir auprès de lui, formidable et posant  
Son ongle de lion sur ta lyre étoilée,  
Ta colère superbe à tes pieds muselée!

A apostrophe ameaçadora desse propheta biblico não era ouvida do outro lado da Mancha. Dickens serenamente escrevia *Nicolas Nickleby*, o romance social, discutindo a grave questão da educação nacional, que se lhe afigurava por demais descurada pelo Estado; abandonava em *Oliver Twist* a vis comica e dava-nos um quadro pungentissimo dos aspectos tragicos da Vida; em *Great Expectations* e em *David Copperfield*, que são quasi

auto-biographias, expunha a situação social da Inglaterra, assignalando vícios e reformas. O movimento litterario da França, que é o unico que conhecemos e admiramos no Brasil, só muito mais tarde se orientou neste sentido. Ainda a litteratura era, apenas, uma arte de prazer, um esforço de imaginação, alheio á vida, alheio aos interesses da humanidade e já Dickens não a concebia sem um fim pratico e sem um objectivo util. Não se veja nisso apenas uma feição do character saxonio. Para mim, a sua razão principal está no proprio temperamento pessoal do escriptor, que, muita vez, sentindo de certo que o romance era apenas uma arma de acção indirecta, recorreu a esse instrumento magnifico de combate, que é o periodico. Escasseavam-lhe, porem, todas as qualidades de jornalista e esses diversos periodicos naufragaram: era a negação do jornalista aquelle temperamento de artista methodico, que não tinha nenhuma fé na inspiração de momento, que só confiava no trabalho regular e pontual, que não admittia o improvisado, que não concebia a difficil tarefa de narrar senão absorto, por completo, no silencio monacal de sua casa de Gadshill, onde transcorreram pacificamente os seus ultimos annos de vida e onde escreveu ainda grande numero de obras, entre as quaes esse *Martin Chuzzlewit*, que elle estimava como a sua obra prima e que, entretanto, nunca obumbrou a gloria de *Pickwick*.

Agora, alli, naquella estrada de Portsmouth, a placa assignalando a casa em que nasceu Dickens, evocava toda essa obra e ia reconstruindo em meu espirito a personalidade do grande romancista, que eu tanto estimei e que tamanha influencia exerceu sobre mim. Foi aos quinze annos que, tendo lido *Pickwick* e *David Copperfield*, accendeu-se em mim a curiosidade ardente de conhecer intimamente o creador dessas paginas e devorei a biographia que Foster lhe traçou. Compreendi então a força do escriptor: o segredo della residia na sua capacidade de trabalho e no methodo que nelle punha. E desde então, a minha preocupação de menino foi imitar Dickens; não, certamente, o glorioso Dickens romancista, mas o ignorado Dickens trabalhador...

Londres, Dezembro 1893.

ALCINDO GUANABARA.

# A Equitativa

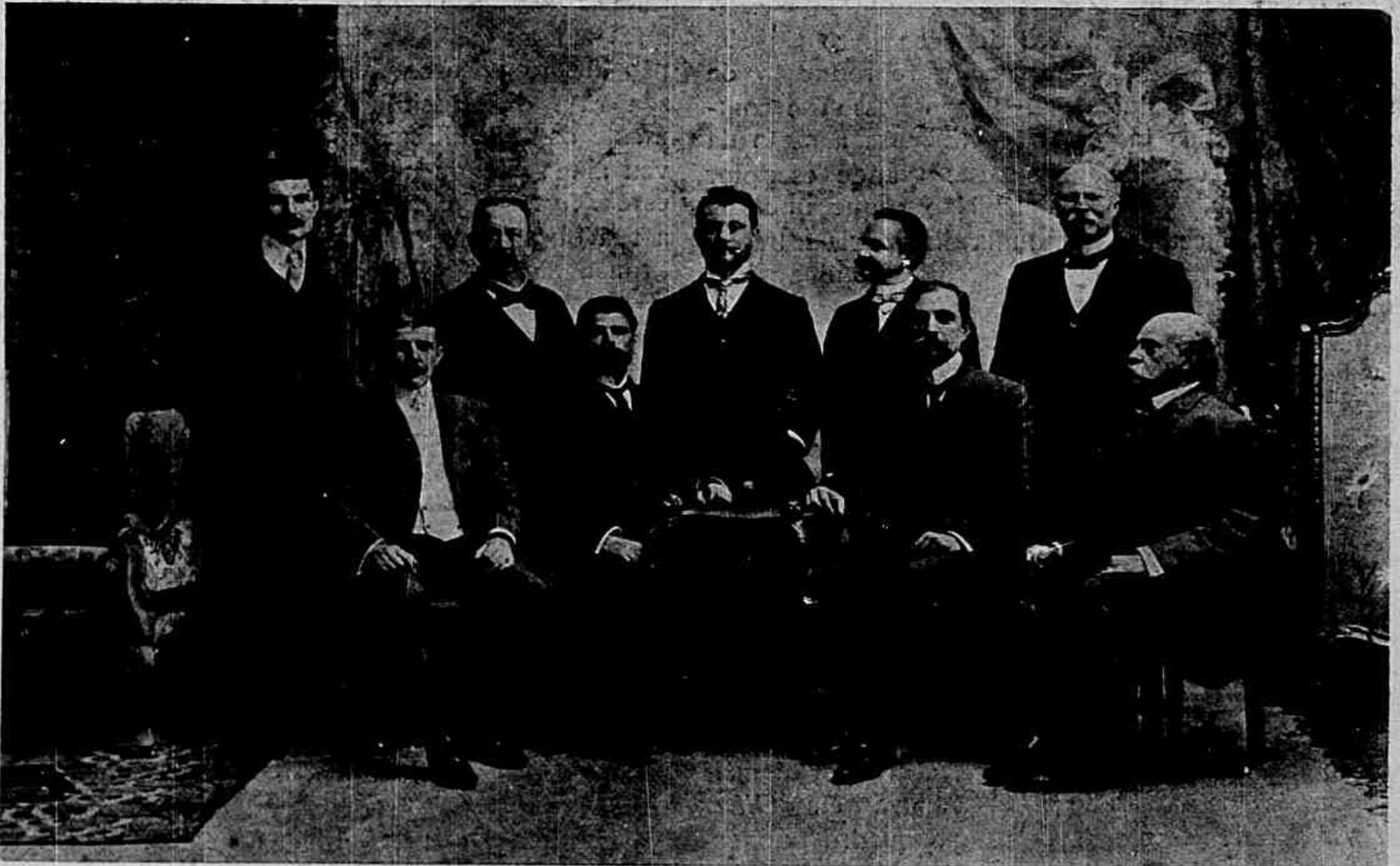
SÃO característicos das grandes capitães os estabelecimentos de Credito. E quando esses estabelecimentos de Credito fazem a propaganda da previdencia, a sua existencia é expressiva de adiantada civilisação.

Nas diferentes phases do progresso da humanidade está occupando o gráo mais elevado tudo que diz respeito ás cautelas contra o futuro incerto. «Prevenir é governar» diz a sabedoria das Nações. «Um homem prevenido valê por trinta» é maxima largamente vulgarisada; e quando, nos seus adiantamentos, nos seus avanços intellectuaes a humanidade quiz mostrar-se precavida, fez o seguro da habitação, e fez o seguro dos bens que se transportavam através dos oceanos e dos continen-

tes. Hoje segura-se a Vida. Hoje o homem encara a morte como um phenomeno cósmico, e attenua o fracasso que ella produz no seio da Familia, mediante contracto previo com uma instituição especial de credito.

A criação d'essas sociedades de previdencia—Fanal onde se abriga o homem contra as asperezas da Sorte, Tabernaculo de onde dimana um conforto na hora da maior angustia—representa uma das maiores conquistas da intelligencia, e affirma-nos uma grande superioridade moral.

A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil, fundada em 1896, no Rio de Janeiro, honra esta praça, e dignifica esta geração. E' encantadora pela sua organização, e seductora pelo seu programma. Não tem accionistas. E' uma Sociedade Mutua que para instalar-se não teve despezas de incorporação; não teve de reunir capital, que é constituído sómente com as prestações dos seus proprios segurados. As entradas que vão se realisando vão tendo emprego criterioso, e o dinheiro que esse dinheiro ganha para a Sociedade, ganha-o para os seus socios que são os portadores de apolices de seguro.



DIRECTORIA E EMPREGADOS SUPERIORES

Primeiro plano: Carlos Pereira Leal, director-secretario á cuja energia, devotamento e talento de organização deve A EQUITATIVA a installação de sua filial em Portugal—Dr. Franklin Ferreira Sampaio, presidente, (que neste cargo succedeu ao Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura), a quem os mutuários d'A EQUITATIVA devem a existencia de tão util associação pois foi um dos seus fundadores—Dr. Antonio Augusto de Azevedo Sodré, director-medico, proecto clinico, professor da Faculdade de Medicina, fundador da A EQUITATIVA; Comendador José Ferreira Sampaio, director da Secção de seguros terrestres e maritimos. Segundo plano: Dr. Abel Travassos, mathematico, actuário adjuncto—Dr. Eugenio Tisserandot, actuário, lente da Escola Polytechnica, um dos fundadores da Comp. A Educadora—Eugenio Borges, sub-director na Zona Sul do paiz, gerente do escriptorio central—Albert Louis Küssner, sub-director na zona Norte—Coronel Aureliano Pedro de Farias, thesoureiro.



6º SORTEIO DAS APOLICES D'A EQUITATIVA

É admirável este mecanismo. Na EQUITATIVA ninguém mais ganha senão o segurado; não ha dividendos a distribuir, ha, sim, lucros a accumular respectivamente a cada individuo, homem, mulher ou criança que fez o seu seguro de vida.

Resultado d'essa vantajosa maneira de operar, resultado da excellente administração que a EQUITATIVA tem tido é a sua prosperidade reconhecida. No primeiro periodo (1896-97) realisou seguros na importancia de 12.177:500\$; no 7º anno (1903-04) effectuou seguros na importancia de 72.608:323\$933, tendo, só neste anno, recusado perto de 3.000:000\$ de seguros que lhe foram propostos, por não os reputar de primeira ordem.

No 2º anno (1898-99) foram installadas agencias pelos Estados, e estabelecidas succursaes no Pará e em S. Paulo, com suas directorias locais; da do Pará assumiu a presidencia o prestigioso senador Antonio Lemos; e da de S. Paulo a presidencia coube ao illustrado Dr. João Pedro da Veiga Filho, lente de Economia Politica e Finanças, na Faculdade de Direito.

No 3º anno (1899-900) á Equitativa de Seguros de Vida annexou-se uma secção independente de seguros terrestres, avultando, com taes operações, o lucro dos mutuários.

No 4º anno (é curioso acompanhar *pari-passu* a marcha ascendente d'esta Sociedade) no 4º anno inaugurou a secção de seguros maritimos, ainda independente, mas sempre redundando em vantagens para o tronco principal; e inventou as *apolices com sorteio*, uma das mais seductoras formas de seguro de vida, como passamos a vêr.

O segurado effectua, adiantadamente, a sua annuidade; e sabe que no decurso d'esse anno as suas apolices entram duas vezes em sorteio, uma vez a 15 de Abril, outra a 15 de Outubro. Supponhamos que as apolices são duas (seguro de 10:000\$), que a annuidade é contada de Novembro a Novembro, e que em Abril uma das Apolices é sorteada: o segurado recebe, logo, a quantia de 5:000\$. Supponhamos que o segurado morre em Agosto seguinte, a Sociedade paga, immediatamente, aos seus herdeiros ou beneficiarios os 10:000 integraes do seu seguro; mas as duas apolices, embora uma tenha sido já sorteada ainda têm direito a um sorteio dentro do anno; entram, pois no de 15 de Outubro; e, se o accaso permittir, podem ainda produzir 5:000\$. ou 10:000\$.

E não é isto pura fantasia: ha precedentes dignos de nota.

Do 4º para o 5º anno a Sociedade, já forte e acreditada, empenhou-se numa lucta contra acto inconstitucional do Governo que lhe affectava a integridade; e, sem arredar pé do terreno do Direito, venceu, fazendo emendar o Decreto iniquo.

Os segurados acudiram em maior numero, ainda, depois d'essa campanha moralisadora; a receita elevou-se a 1.539:496\$556, no 5º anno (1901-02); subindo a perto de 45.000:000\$ os riscos propostos, e a 40.385:051\$114 os seguros realizados.

No 6º periodo 1902-03 effectuou seguros escolhido no valor de . . . . 44.239:209\$520, e pagou 346:819\$300 a herdeiros ou beneficiarios de segurados fallecidos.

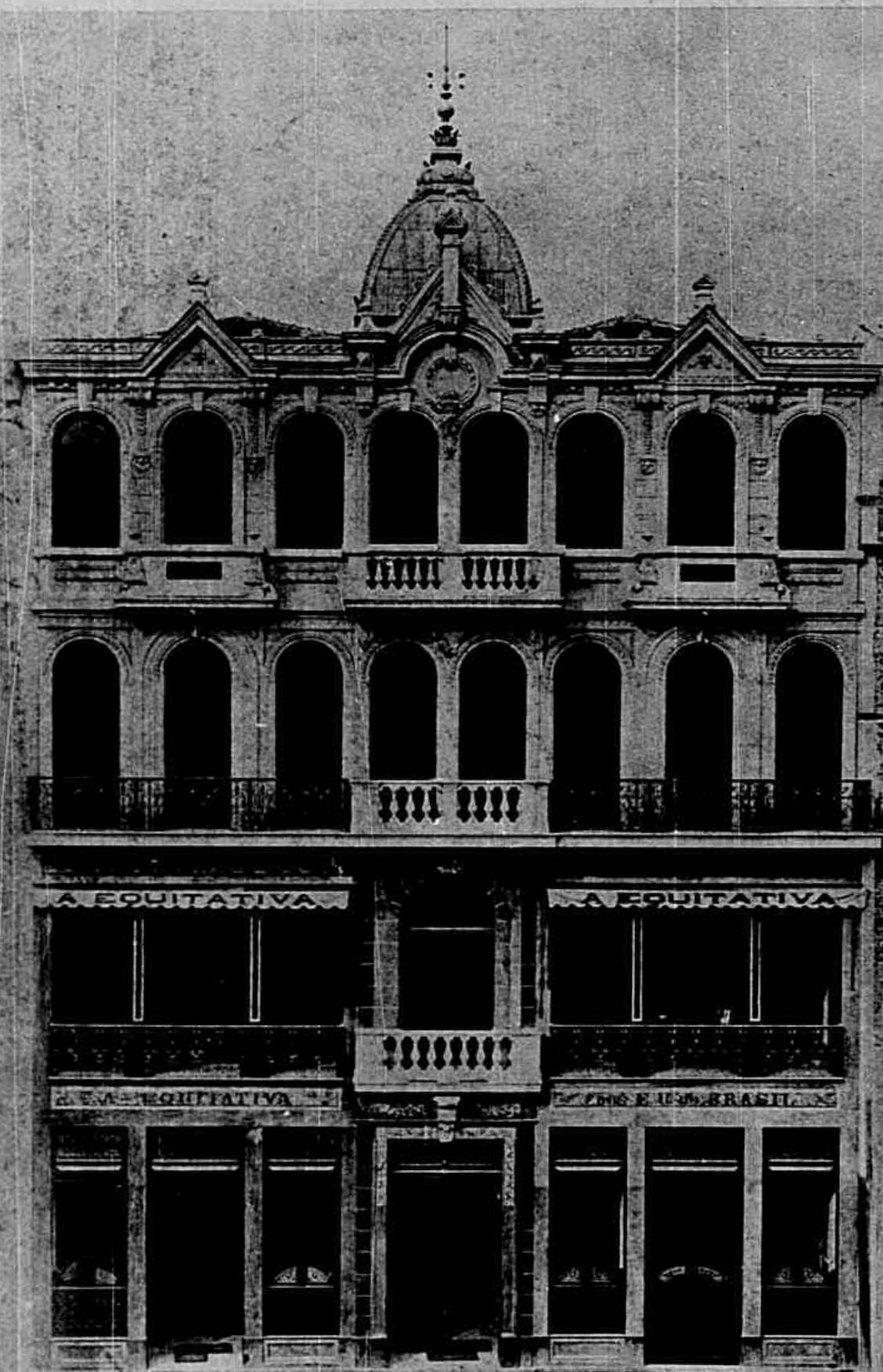
O 7º anno foi assignado pelo estabelecimento da Filial, em Portugal, com uma directoria respeitabilissima, formada pelos maiores vultos financeiros do paiz. O nome do Brazil, do Brazil adiantado, do Brazil previdente, desafogado de abusões e de preconceitos, varou o Atlantico, e foi conquistar no velho reino novos membros para esta Sociedade equitativa, EQUITATIVA chamada.

E, assim, ramificando-se, prudentemente e sabiamente, foi se tornando um colosso a Instituição que para começar nem precisou de dinheiro: o seu fundo foram as contribuições de seus socios!

Hoje, a EQUITATIVA, com séde em bello edificio da Avenida Central, é uma das mais acreditadas sociedades de seguros. Dirigida com acerto, dando passos muito estudados, vivendo uma vida calma e desassombrada, faz seguros de vida, faz seguros terrestres e maritimos, e instituiu ainda ha pouco o seguro de vida e de residencia, novidade e utilidade de incontestavel importancia.

O Rio de Janeiro ufana-se de possuir instituição assim benemerita, exemplo fecundo de previdencia e de irreprehen-sivel administração.

F. R.



SÉDE SOCIAL

# Aspectos e Costumes

## O MORRO DO CASTELLO

I

HA muita gente nesta enorme cidade do Rio, incluindo o casquilho carioca, que lhe não conhece os aspectos mais interessantes da sua vida popular. E tanto mais interesse isso deve despertar quanto mais se avoluma a possibilidade de, cedendo á modificação civilisadora, desaparecerem com os escombros das velhas edificações demolidas pela Hygiene e pela Esthetica.

Alguns desses aspectos são, a bem dizer, uma feição carecteristica do antigo Rio, o Rio pittoresco que Debret reteve na *Voyage au Brésil*, de que Moreira de Azevedo e Manoel de Macedo nos falam nas suas curiosas memorias e o qual constitue, em nossos dias, a preocupação dos snrs. Vieira Fazenda, Noronha Santos e Mello Moraes Filho; porque o antigo Rio foi, pouco a pouco, submergindo-se no passado, penetrando o nevoeiro vespertino do ocaso, entrando no esbatimento rôxo das Tradições, e delle, o que ainda resta, é mais do que a poeira do seu corpo, porem é menos do que a aproximação da sua realidade doutr'ora.

Ainda se o sente num vago de debuxo aqui e acolá, mas já mesclado, já fundido com elementos estranhos.

De todos esses pontos ou arrabaldes um dos que melhor o recordam pelo scenario é o morro do Castello.

Chamar o Castello de arrabalde parecerá demasiada fantasia! Foi alli, então morro de São Januario, que Mem de Sá lançou o primeiro marco da fundação da cidade, para o qual tomou o patronato de S. Sebastião, venerado na igreja dos jesuitas.

O Castello é dentro da cidade de hontem, que se metamorphoseia, e da cidade de hoje, que surge, a infancia deste monstro de um milhão de almas, que se alastra por montes e planicies, alcantilado aqui, alem acororado nas baixadas, ora disperso, como que fugitivo e solitario nos declives das montanhas, perdido por caminhos sombrios das gargantas, para de novo surdir das frondes das florestas em nucleos, em agrupamentos feiraes nas varzeas e nas esplanadas, que se vão succedendo dentro do pittoresco scenario da *urbs*.

Veio-lhe este nome do forte construido no seu cabeço, que, em 1711, tomou maiores proporções, e com este nome viveu a sua grande vida secular, vindo da infancia á velhice como qualquer de nós, e ainda como qualquer de nós destinado ao desaparecimento completo.

A primitiva cidade declinou em pobre *arrabalde* de gente pobre, porque, com o alastramento de-

scendente das habitações, ella foi se afastando a pouco e pouco dos grandes centros d'actividade commercial, até que, isolada, de acesso difficil, e sem largueza para a viação, cahiu na obscuridade, mergulhou no abandono ingrato do indigena soffregido por commodidades e amplidões. Para lá foram morar os estudantes desafortunados, as modestas familias de funcionarios publicos sem padrinhos, as velhas viugas pensionistas do Estado e um beaterio de que só ha memoria, não obstante alguns exemplares remanescentes.

A igreja fundada pelos jesuitas, que projectavam um templo mais vistoso quando foram expulsos pela resolução de Pombal, passou a servir de mosteiro aos carmelitas capuchos, aos quaes o nosso povo deu o nome de *barbadinhos*, e o velho collegio, por elles mantido na ladeira do largo da *Mãe do Bispo*, praça Ferreira Vianna, foi mudado em seminario ecclesiastico, de que era padroeiro S. José. Essa ladeira e o seminario (que, havia uns cinco ou seis annos antes do seu desaparecimento, se transformára num formidavel *cortiço*) foram demolidos para dar espaço á Avenida Central, difficultando o acesso ao morro, por este lado. Actualmente o unico meio que se tem para attingir o alto do Castello é o das escadinhas, alcançadas por um caminho tortuoso e ingreme, aberto nas escavações do morro, fronteiro ao Convento d'Ajuda.

Alcançado, porem, o cabeço do morro, podemos dizer que estamos no seio da primitiva cidade.

Alli, o aspecto é o mesmo de ha trinta ou cincoent'annos passados. A praça, em corcova, não tem arvores nem calçamento, é nua e exposta á força do sol. Ao sul a velha igreja, sem architectura, offerece seus muros aos ventos do oceano; ao norte estende-se um renque de casario sinuoso, sarapintado de côres vivas e, lá-baixo, fechando a praça, enfrenta com a igreja outra ala de casas velhas, das quaes se destaca um sobrado que escancara a porta cocheira dum *cortiço*.



Forte de S. Januario

E' esse o logar preferido pelos mais abastados moradores do morro, alguns delles alli nascidos ha mais de trint'annos.

Como praça unica a vida familiar do Castello está nella, e aos domingos apresenta a animação dum animado logradouro publico.



Panorama do Castello (a igreja)

Em quanto as cabras perambulam por sua extensão e os gallinaceos fariscam a terra, a pequenada do logar se agglomera para o *Jogo da Buraca*.

A *Buraca* é um jogo ingenuo, de que, quando muito, pôde resultar em cascudos distribuidos á granel pelo policia rondante. Mas, para se furtar a essa delicia mimoseadora, os garotos se precavêm com *vigias* collocados num unico ponto da praça, donde elle os pôde prevenir da chegada desagradavel da policia desmancha prazeres.

Reunem-se em fila os jogadores, cada qual munido de um *vintem*, e todos ao mesmo tempo atiram-no alvejando um buraco aberto no chão. Isto feito, vem a verificação dos que attingiram a *buraca* e dos que lhe ficaram mais ao alcance. Acertar na *buraca* é um *ponto* alto addicionado á conta dos quantos *pontos* foram convencionados para a partida, e cada approximação representa um *ponto* inferior ou seja metade do *ponto* alto, que se addicionará a outros *pontos* conseguidos para alcançar o numero total prestabelecido. E' isto a *buraca*. Seria só isto si a paixão do jogo e o interesse do ganho não levassem os seus amadores quasi sempre a conclusão de rasteiras e cabeçadas mais ou menos inofensivas.

Acontece commumente que, após a jogada, e quando fazem o *sarilho*, que é o tumultuoso agglomerado para a verificação das posições do vintem de cada jogador, o tabefe e a rasteira decidem com maior vehemencia dos direitos de cada contendor... Esse resultado, entretanto, é somenos, por ser de praxe da *boa sociedade* dos garotos, e nada vale diante do que têm a temer das disposições do policia. Este é que é terror, é o *espalha tudo*.

E em quanto o rapazio se diverte a seu modo, os adultos enchem a igreja dos *barbadinhos*, pedindo aos santos que os livre das tentações das *buracas* da vida, onde não só se perdem os vintens mas tambem se apanha cada cachação de pôr a a cabeça bamba.

Como é natural, a maior parte dos ouvintes é composta de mulheres. As senhoras *gradas* não perdem o seu domingo e, como a igreja fica proxima, para lá vão muito tranquillias com os serviços deixados em casa.

O mulhierio, porem, deixa tudo para depois da missa, e quando volta é que faz as compras para as suas panelas. Então o *volante* não precisa andar de porta em porta, porque mal apparece numa *travessa*, já o cerca uma multidão que o põe em roda viva. E nem sempre a presteza do



Jogo da Buraca

volante e a experiencia, que o acompanha, impedem-no de prejuizos com o ferver da freguezia. Si elle põe em alta o preço de seus repolhos, leva de contado que perdeu o agio nos nabos e cenouras que lhe escamotearam. E' a lei da compensação, da qual a sua experiencia se desforra como pôde e, a mais das vezes, com vaitagem.

Mas, não é só o quitandeiro quem lucra com o dia gordo do domingo, o vendedor de fructos e o doceiro sabem que essa é que é a *boa occasião* e para lá sobem com successo certo.

E que successo!... Não descem com um unico bago de uva ou uma só cocada-puxa nos cestos e nas caixas. O cinto pesa-lhes nas ilhargas e tão cheio vem que os nrekeis não se chôcam!... Benedicto seja o domingo, que é o dia de Nosso Senhor! — murmuram elles, e com razão.

\* \*

E como é domingo toca a gosar.

E' interessante o gosar do povo. Quando não se comprime e se magôa nas festanças, entrega-se a uns mansos prazeres que os fazem crêr na felicidade.



Vendedor de fructos

italiano. Pódem-se contar facilmente os nacionaes e portuguezes que alli moram, porque, numa simples inspecção, se reconhecem os typos na sua exterioridade.

Creemos mesmo que os nacionaes estão em minoria. A' parte algumas familias mais ou menos abastadas,



Quitandeiro

que por alli habitam por verdadeiro apêgo aos seus penates ou por economia, ha pouca gente do povo que seja indigena. Um dos melhores exemplares que vimos foi uma preta velha, dormindo a sua sésta, assentada na rua. E' antiga no morro, e deve estar nos seus noventa annos.

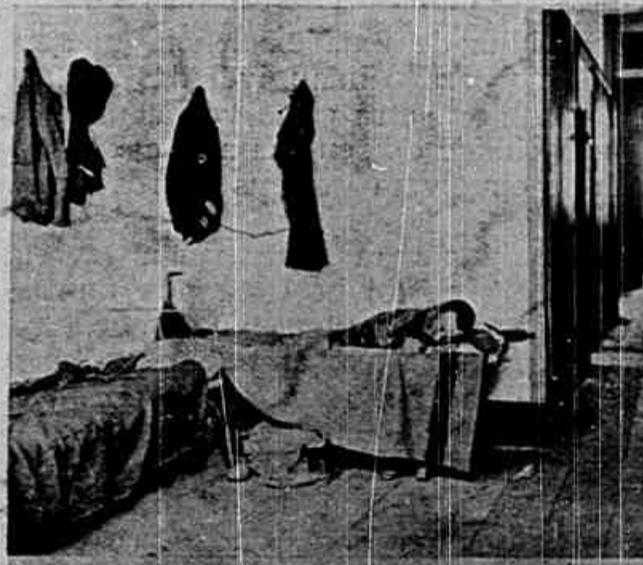
A edade, a falta de vista, a sua antiguidade naquelle logar, tornaram-na querida de todos, que lhe dão esmolos.



Bisca em familia

Avaliamos da commoção que a ha de abalar, talvez matar, quando lhe disserem que é preciso sair do morro porque o vão demolir!... Pobre velha!...

E' de prever que ella cahirá com o ultimo barranco desmoronado pelo alvião demolidor. Pobre



Dormindo a sésta (instantaneo apanhado de uma janella)

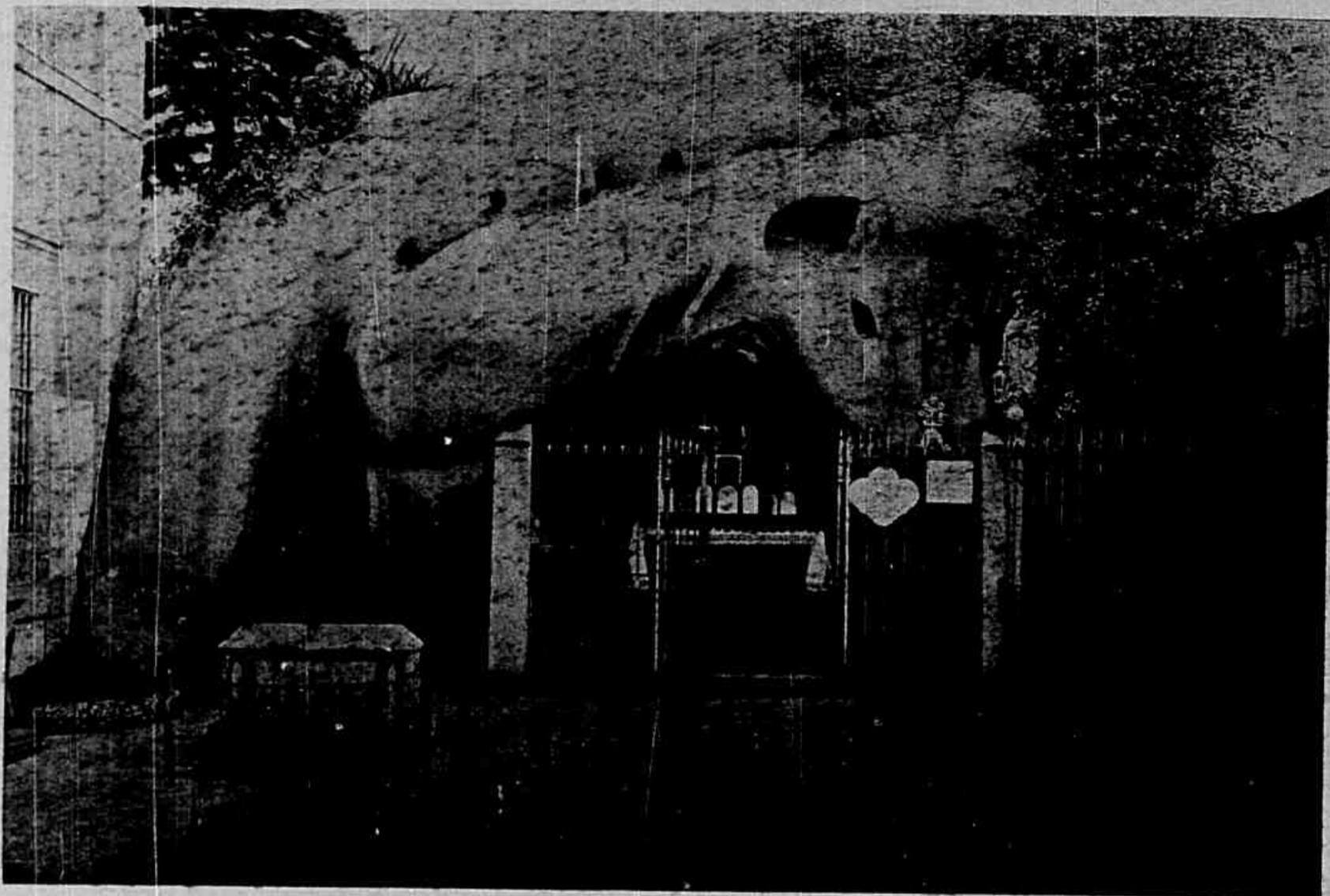
velha!... tu és como essa primitiva cidade de São Sebastião, quieta e agonisante, que não sabe mais nada senão que entram e saem navios á barra annunciados pelo *páo da bandeira*....

E, sem ironia, o *páo da bandeira* e o

Castello. E' por causa desse rudimentar systema de signaes que ainda se olha para lá. Se elle não existisse, quem se lembraria d'elle, a não ser a Engenharia?

Porque, e esta é a verdade, a própria origem de seu nome vulgar, este forte de S. Januario em que o morteiro troou defendendo a cidade da invasão franceza de 1711, esse mesmo está a esboroar-se, abandonado, carcomido pelo tempo, escondido no matto que lhe desmantella as muralhas.

O que d'elle resta é isto e mais nada. Ainda em 1893 o canhão alli esteve a despejar balas contra a esquadra revoltada, mas já as suas muralhas não serviam e a artilharia moderna teve de as desprezar. Afinal de contas, velho Castello, vales tanto quanto



Nossa Senhora de Lourdes no Morro do Castello

essa preta velha, és a ruina de uma existencia que a fatalidade da consumação vae levar para o intangivel das Memorias.

E ainda te anima, como a essa preta velha, uma cousa delicada, que nella é a infelicidade do seu passado e em ti é a poesia de uma lenda, com que envolvem os teus muros arruinados no vago duma saudade!...

Ha, na muralha que dá para a Ajuda, uma caverna escavada. Conta-se que essa caverna foi brocada nos muros do forte por um medico francez. Esse homem, tendo perdido a esposa, victimada por uma febre maligna, embalsamou-lhe o corpo e levou-o para a caverna, onde fez a sua morada. Alli vivia, com a sua embalsamada, a estudar a medicina homœopathica, e a curar os que o buscavam naquelle *sarcophago*. Muitos annos assim viveu, até que, um dia, deixou de existir, indo o seu corpo e o de sua esposa para uma das catacumbas da cidade. A caverna, até ha poucos annos, serviu de moradia a um casal de pobres, que a habitaram por muito tempo e donde a morte os foi arrancar.

Se é verdade o que contam do medico francez, não somos nós os que podemos afirmar. E não é nada de estranhar que, ás lendas dos thesouros escondidos, o Castello reuna mais esta, porque, ao menos, á ella não lhe falta a poesia da fidelidade,



tão imaginaria nos homens, e o encanto do mystério, tão fascinante para a realidade rude da existencia.

AMERICO FLUMINENSE.



Velha africana

CASA

# MENDES JUNIOR

101, Rua da Quitanda, 101

RNAES ILLUSTRADOS, REVISTAS, MAGANES, FIGURINOS E JORNAES DE MODAS

Variado sortimento de cartões postaes, recebidos por todos os vapores

vros de leitura recreativa, sciencias, arte e publicações novas

AFAMADO CHÁ HIGHWAYS LTD. DE LONDRES

OTION DÉQUEANT - poderoso medicamento contra a caspa e queda do cabelo

Preços Excepcionalmente Reduzidos

## GRANDE FABRICA DE MALAS

— E —

Dutros Artigos de Viagem

Premiada na Exposição Universal de Paris 1889 e na Exposição Nacional em 1889 na Academia Universal das Bellas Artes de Bruxellas com o Diploma de membro fundador, e medalha de 1ª classe. Premiada na Exposição de S. Luiz com o grande premio em 1904.

### CASA MARINHO

A primeira de todo o mundo no genero de artigos de viagem enorme e variadissimo. Material de trabalho de 1ª ordem. Preços modicos.

36, RUA SETE DE SETEMBRO, 34 e 36

Manoel Joaquim Marinho

### ANTIGA

## ROGARIA KLINGELHOEFER

(FUNDADA EM 1826)

Alberto de Magalhães & C.

Artigos em geral, productos chimicos e pharmaceuticos, silhame completo para a montagem de pharmacias. — Secção de importação e vendas por atacado completamente parada da Secção de vendas a varejo ultimamente inaugurada á

RUA DA ALFANDEGA, 17

(PROVISORIAMENTE)

## CARLOS CHAPELIN

PHOTOGRAPHO

## KÓSMOS

OFFICINA TYPOGRAPHICA

— DE —

## J. SCHMIDT

RUA DA ALFANDEGA, 24

RIO DE JANEIRO

## AO 1.º BARATEIRO

— E —

## TOILETTE DAS CRIANÇAS

Rua dos Ourives, 77-B e Rua do Rozario, 91

FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO E CONFECÇÕES

Especialidade em vestuarios para creanças de ambos os sexos

BREVEMENTE INAUGURAÇÃO DO MAGNIFICO PREDIO DA AVENIDA CENTRAL

Rodrigues, Mayrinck & Comp.



MAISON FONDÉE EN 1855

ALFAIATES

## RAUNIER & C.ª

TAILLEURS POUR DAMES  
COUTURIERS

Especialidade em artigos finos para homens e senhoras.

✦ ✦ ✦ ✦ Roupas brancas, chapéus, ✦ ✦ ✦ ✦ tecidos, confecções, artigos para viagem, etc., etc.

RUA DO OUVIDOR, 136, 138

Casa de compras em Pariz: RUE DE CHABROL, 40

Refeição avulsa  
1\$200

RESTAURANT RENAISSANCE  
23, Rua Nova do Ouvidor, 23  
Carnet de 30 refeições 32

## CASA "CIRIO"

Grande Sortimento de Perfumarias, Cutelaria fina e Artigos para Toilete

JULIO BERTO CIRIO

149-A 5 Rua do Ouvidor 14

RIO DE JANEIRO

## PULMONAL

Como o seu nome indica, é um medicamento especifico para as affecções dos pulmões

CURA QUALQUER TOSSE

É UM XAROPE VEGETAL

CIRURGIÃO E PARTURICENTISTA

Dr. Costa Ferraz

RUA HADDOCK LOBO N.º 10

## EMBALSAMAMENTO

PHARMACIA HOMOEOPATHICA MODERNA

A. J. Dias de Magalhães

224, RUA FREI CANECA

J. Moreira Junior — Pharmacia

## FABRICA DRAGÃO

— DE —

Licores Xaropes e Vinagens

## PIRES & GARIBALDI

SUCCESSORES DE

Souza, Garibaldi & C.ª

ESPECIALIDADE EM  
FERNET, VERMOUTH E  
LICORES FINOS

Esmero e capricho em todos os artigos

ENDEREÇO TELEGRAPHICO "DRAGÃO"

TELEPHONE N. 1.774

Rua Barão de S. Felix, 9

RIO DE JANEIRO